



NAÇÕES UNIDAS
Escritório sobre Drogas e Crime

TRÁFICO DE DROGA COMO UMA AMEAÇA À SEGURANÇA NA ÁFRICA OCIDENTAL

OUTUBRO 2008

Agradecimentos

Este relatório foi preparado pela Secção de Análise de Ameaças e Estudos e o Escritório Regional para a África Ocidental e Central do ONUDC no contexto do segmento do programa de monitoramento e análise das tendências do ONUDC dedicados a África e financiados pela França e Suécia.

Pesquisa e redação: Theodore Leggett (Oficial de Pesquisa, Estudos e Secção de Análise de Ameaça), assessorado por Philipp Sewing (Consultor) e Thomas Pietschmann (Oficial de Pesquisa, Secção de Estatísticas e Pesquisas). Editado por Thibault Pichon (Coordenador, Estudos e Secção de Análise de Ameaça) e Antônio Mazzitelli (Representante, África Ocidental e Central Escritório Regional). edição eletrônica: Suzanne Kunnen (Estudos e Secção de Análise de Ameaça); mapeamento: Coen Bussink (Secção de Estatísticas e Pesquisas). Estamos muito agradecidos pelos comentários e informações recebidos de vários colegas, como também o suporte de vários deles no desenvolvimento da versão em Português.

O ONUDC reitera os seus agradecimentos aos Estados Membros Africanos e Europeus que responderam ao Questionário Anual Sobre Drogas do ONUDC. Esse questionário, juntamente com o banco de dados do ONUDC sobre as apreensões individuais, constitui a fonte principal de informação na qual este relatório foi elaborado. Comentários e apreciações podem ser endereçadas para <stas@unodc.org>.

Os limites, nomes e designações utilizados em todos os mapas deste relatório não implicam endosso oficial ou aceitação pelas Nações Unidas.

Este relatório não foi formalmente editado.

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	1
RESUMO EXECUTIVO.....	3
INTRODUÇÃO.....	5
AS AMEAÇAS DA DROGA.....	7
A COCAÍNA.....	7
QUAL É A AMEAÇA QUE A COCAÍNA CONSTITUI PARA A ÁFRICA OCIDENTAL?.....	30
HEROÍNA.....	31
CANNABIS.....	33
QUAL É A MAIOR AMEAÇA?.....	35
IMPACTO NA SEGURANCA.....	37
UMA FAÍSCA QUE INCENDEIA.....	37
MEDINDO O PROBLEMA DA COCAÍNA.....	41
SEGURANÇA ECONÓMICA.....	42
CONSUMO LOCAL DA DROGA.....	51
CONCLUSÃO.....	52
ANEXO: PARTES DAS CONVENÇÕES DA ONU PARA DROGAS E CRIME.....	53

PREFÁCIO

A crise sobre o tráfico de drogas na África Ocidental está a ganhar a atenção, na mídia e entre os governos. Sinais de alarme relacionados com o volume de cocaína a transitar pela região (à volta de 50 toneladas por ano), e o seu impacto na segurança de Estados frágeis.

A África Ocidental que nunca teve problemas de drogas no passado, tornou-se um centro para o tráfico de cocaína. Navios e aviões carregados com cocaína vindos da América Latina, estão a entrar em portos e aeródromos pobremente vigiados na África Ocidental. As remessas são assim distribuídas em consignações menores, e enviadas para a Europa por diversos meios, inclusive nos vôos comerciais em bagagem, roupa ou intestinos de mensageiros. A distribuição está principalmente nas mãos de grupos de criminosos entre a diáspora Ocidental Africana.

As apreensões indicam que muito da cocaína é destinada a Espanha, e ao Reino Unido, os dois mercados de cocaína maiores na Europa, mas podem transitar para a França e Portugal, países com semelhanças culturais e ligações aéreas para a região. A cocaína importada da África Ocidental vale quase 2 bilhões de dólares americanos por ano no atacado em cidades europeias.

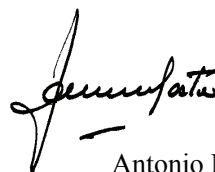
Mas isto é mais do que um problema de drogas. É uma ameaça séria à segurança. Esta é a razão segundo a qual a questão do tráfico de drogas na África Ocidental está na ordem do dia do Conselho de Segurança da ONU, na Comissão de Manutenção da Paz, a Comunidade Econômica de Estados da África Ocidental (CEDEAO), e na União Europeia.

Os cartéis da droga da América Latina estão a atacar a África Ocidental porque os países da região são vulneráveis. Países pobres como a Guiné Bissau – que estão no limiar do índice de desenvolvimento humano - não podem controlar as suas costas ou o seu espaço aéreo. A polícia é quase totalmente desamparada contra traficantes bem equipados e bem relacionados. As apreensões da droga têm aumentado dramaticamente - pelo menos 46 toneladas de cocaína foram apreendidas na rota para a Europa via a África Ocidental desde 2005. Antes dessa época, todo o continente raramente apreendeu uma tonelada. Mas a maioria dessas apreensões aconteceram casualmente. Falta aos procuradores e juizes a prova ou a vontade de trazer à justiça os criminosos que foram amigos poderosos.

O dinheiro da droga está a perverter as economias fracas na região. Em alguns casos, o valor da droga traficada é maior do que o rendimento nacional do país. As drogas também estão a contaminar a juventude da região uma vez que os serviços dos soldados, que caminham neste comércio crescente, têm sido pagos com a cocaína. Como resultado, a vulnerabilidade da África Ocidental às drogas e ao crime têm se aprofundado cada vez mais.

Estes Estados não estão a desmoronar-se. Eles arriscam-se a tornar-se “Estados-shell”: soberano no nome, mas escavados do interior por criminosos em conspiração com funcionários corruptos no governo e os serviços de segurança. Isto não só põe em risco a sobrevivência dos mesmos, como constitui uma ameaça séria à segurança regional, decorrente da natureza trans-nacional dos crimes.

O problema do tráfico de drogas na África Ocidental ainda é pequeno em relação aos padrões da Ásia Ocidental, América Latina ou Central. Mas está a crescer exponencialmente ameaçando transformar a região num epicentro de falta de lei e instabilidade. Esta é a última coisa de que necessita a África Ocidental. Fortalecendo as defesas dos estados sob ataque e construindo uma resposta regional, há uma chance para reforçar a lei e o desenvolvimento equitativo da África Ocidental, permitindo aos países vulneráveis resistir ao ataque das drogas e do crime.



Antonio Maria Costa
Diretor-Executivo do Escritório
das Nações Unidas contra Drogas e Crime



RESUMO EXECUTIVO

- Um declínio do mercado de cocaína nos EUA e uma subida do mercado Europeu parece ter incitado os traficantes de cocaína sul americanos a fazer uso de áreas com governabilidade deficiente na África Ocidental como zonas de trânsito.
- Pelo menos 46 toneladas de cocaína foram apreendidas em rota para a Europa via África Ocidental desde 2005. Antes dessa época, o continente inteiro raramente apreendeu uma tonelada por ano.
- Aparentemente existem dois fluxos paralelos. Um, envolvendo principalmente grandes remessas marítimas e aéreas privadas, provenientes e administrados por sul americanos. Em troca de ajuda logística com estas remessas, os africanos ocidentais são pagos com cocaína. Isto levou à criação de um segundo fluxo, com africanos ocidentais também a traficar estas drogas para a Europa, normalmente por vôos aéreos comerciais.
- As remessas grandes são perigosas por causa do seu valor extremo relativo às economias locais, mas as remessas pequenas que estão extensamente espalhadas ao longo da região, têm o potencial de abastecer a violência local e o uso da droga.
- Aparentemente a maioria da cocaína que entra na África proveniente da América do Sul faz uma paragem ao redor de um dos dois centros, na Guiné-Bissau no norte e Gana no sul. As drogas são assim traficadas entre países ocidentais africanos antes de serem transportadas para fora em vôos aéreos comerciais, dentre outros meios.
- Foram apreendidos aproximadamente 3.4 toneladas de cocaína de cerca de 1357 correios em vôos aéreos comerciais da África Ocidental para a Europa desde 2004.
- Em termos de correio aéreo comercial, 62% dos incidentes e 55% da cocaína interdita são provenientes de quatro dos 15 países da CEDEAO: Senegal, Nigéria, Guiné (Conakry), e Mali.
- O Senegal e a Nigéria foram a fonte dos maiores volumes de cocaína apreendida em vôos comerciais, mas eles também têm os maiores volumes de tráfego aéreo internacionais. Guiné (Conakry) e Mali são desproporcionalmente representados em termos do número de correios aéreos detectados em relação aos seus volumes de tráfego aéreo.
- A Guiné (Conakry) foi o ponto de embarcação de 221 correios detectados desde 2006, o maior total de nacional na região. O Mali é confundido porque após alcançar Bamako requer-se conduzir a droga mais 1000 km no interior, por nenhuma vantagem comercial aparente.
- Em contraste, Costa do Marfim e Gana são a fonte de menos apreensão de cocaína em vôos comerciais que poderia se esperar. Os senegaleses estão subrepresentados como correios.
- Os cidadãos da Nigéria foram, sem dúvida, a nacionalidade com a maioria das detenções, embora a sua parte nos correios aéreos (57%) esteve perto da sua parte da população regional (53%). Os correios nigerianos foram a nacionalidade mais detectada em vôos que embarcaram de quase todos os países da região.
- Cerca de metade da cocaína apreendida em vôos comerciais foi destinada para os dois maiores mercados de cocaína na Europa: o Reino Unido e a Espanha.
- Os correios que alimentam estes dois mercados mostram-se com padrões claros. Acima de 80% da cocaína apreendida destinada a Espanha foi levada por nacionais da Nigéria, Guiné-Bissau, Mali, e Cabo Verde. Dois-terços do nigerianos embarcaram da Guiné ou Mali. O mercado no Reino Unido é até mesmo mais concentrado entre alguns grupos, com 75% dos correios detectados serem nacionais nigerianos ou britânicos. Acima de

60% dos nigerianos detectados embarcaram da Nigéria, a única maior combinação origem-destino.

- Enquanto a França tiver um mercado crescente para cocaína, parece preferencialmente ser usado como um país de trânsito, talvez devido a ligações de ar para países de língua francesa na região. De 122 correios prendidos na França, apenas 61 tinham a França como destino; os outros estavam em trânsito para outros países.
- É provável que estes correios estejam a prover redes de distribuição de cocaína da África Ocidental bem estabelecidas na Europa. Cidadãos da Nigéria foram, em primeira mão, o grupo estrangeiro prendido por tráfico de cocaína na França em 2006, compreendendo 31% dos traficantes de cocaína estrangeiros prendidos aquele ano. Cidadãos nigerianos também são proeminentes na apreensão de figuras da Áustria, Itália, Irlanda, e Espanha. Em Portugal, cidadãos de Cabo Verde e Guiné-Bissau compõem a maioria dos estrangeiros prendidos por tráfico de cocaína em 2007. Na Suíça, 60% dos narcotraficantes estrangeiros prendidos foram da África Ocidental, de uma gama extensiva de países sem ligações claras para a Suíça. 543 africanos ocidentais foram presos em 2006, comparado a 581 suíços.
- A Heroína também é transitada pela região, em grande parte por correios da Nigéria que operam do Paquistão. Cidadãos Nigerianos foram responsáveis por 81% das 2.4 toneladas de heroína apreendidas de África Ocidental em vôos comerciais desde 2000, baseado em incidentes registados no banco de dados da Apreensões Individuais (ID) da ONUDC. Além disso, quase a metade destas 2.4 toneladas foi destinada para a Nigéria, e 61% para a África Ocidental de uma forma geral.
- A Cannabis é a única droga produzida na África Ocidental e a mais abusada localmente. A Cannabis da África ocidental não desfruta muito de uma reputação internacional, e por conseguinte os riscos de tráfico enter-regional são limitados. Um mercado em declínio para o haxixe marroquino na Europa, porém, pode levar os traficantes a buscar mercados novos para o sul e o oriente o que poderia resultar na África Ocidental se tornar uma zona de trânsito para esta droga. Grandes e pesadas apreensões de haxixe feitos em áreas remotas de Níger podem ter se destinado para o Egito e o Oriente Médio.
- Apesar destas ameaças, parece que a cocaína é actualmente o desafio maior da região. Esforços feitos para tratar a questão do tráfico de cocaína deveriam ajudar também o tratamento da questão em outros mercados.
- Baseado numa análise de apreensões na Europa onde a origem era conhecida, é estimado que cerca de 27% (40 toneladas) da cocaína consumida anualmente na Europa transita actualmente pela África Ocidental. Esta quantia vale nos EUA \$1.8 bilhões na venda por atacado. Talvez US\$450 milhões provém aos traficantes, dando-lhes mais recursos, que os governos têm que combater.
- O único maior ponto de vulnerabilidade na região alia-se às instituições de justiça criminais com poucos recursos que são altamente vulneráveis à corrupção. No momento, mesmo quando presos, traficantes internacionais de drogas que operam na África Ocidental são raramente condenados. Há muito a fazer com recursos mínimos. Por isso, é necessário que a região estabeleça uma estratégia clara para maximizar o seu impacto.
- É necessário apoio internacional para ajudar os governos da África Ocidental a estabelecer a justiça e a segurança como pilares do desenvolvimento dos seus países. A aplicação da lei e da ordem pública nestes países possibilitará progressos significativos no sentido de garantir investimentos e o desenvolvimento de sociedades estáveis.

INTRODUÇÃO

Das origens aos destinos, as drogas ilícitas não seguem necessariamente as rotas mais directas. Outros factores para além da geografia entram no cálculo da trajectória “mais eficiente”. Estados fracos são mais particularmente tocados – As forças de aplicação da lei, nestas nações, são tipicamente de poucos recursos ou sujeito à corrupção. Por uma variedade de razões, África alberga alguns dos Estados mais fracos, em termos da capacidade de fazer respeitar as autoridades da lei nos seus territórios e no mundo.

Nos últimos três ou quatro anos, ficou claro que a vulnerabilidade especial da África está a ser explorada. A cocaína produzida na América do Sul crescentemente está a sofrer um desvio para mercados crescentes na Europa. A região mais afectada é África Ocidental, uma região pobre que se recupera de muitos conflitos civis prolongados. Este relatório é sobre a ameaça que o tráfico de droga impõe à segurança desta região.

O crime organizado tende a reforçar as condições sob as quais germina. Emerge frequentemente em comunidades menos assistidas pelo estado, inicialmente provedor da ordem e concentrando violência sob uma única autoridade. Cresce então e desafia a estrutura oficial do governo, buscando proteger suas operações da interferência externa. Em outras palavras, o crime organizado cresce oportunisticamente, atacando onde a resistência seja baixa.

Infelizmente, a resistência parece ser baixa em muitos países de África Ocidental. Enquanto muitos países ficam cada vez mais estáveis, permanecem áreas que verdadeiramente não estão sob o controle de uma nação responsável, e a ameaça de insurreição armada ainda existe. Entre 1998 e 2005, pelo menos 35 grupos armados foram activos em dez países da África Ocidental. A maioria destes adquiriu ilegalmente os aderentes, e muitos são activamente envolvidos em actividades criminosas para financiar as suas operações. Mesmo que eles sejam mal sucedidos nas suas aspirações políticas, é provável que as suas actividades criminosas retenham uma atracção duradoura.

A relação entre o contrabando de diamantes e as guerras civis na Serra Leoa e na Libéria foi bem documentada, mas, no seu auge, lucros que provêm desta actividade chegaram a dez milhões de dólares por ano. A potencial influência desestabilizadora do tráfico de cocaína onde o valor de uma única consignação pode exceder aquela soma, é muito real. Os lucros gerados por este comércio são maiores que os orçamentos totais para a segurança de alguns dos países pequenos da África Ocidental. Mas é provável que os traficantes estejam a fazer uso da região para uma soma menos distante, com o pagamento em espécies em vez de dinheiro. Isto gerou mercados locais de cocaína que põem em perigo a si mesmos.

Além de cocaína, a região tem sido utilizada para traficar heroína e resina de cannabis. Assim como com a cocaína, a lógica tem menos a ver, com onde a África Ocidental é posicionada geograficamente, que com a habilidade de traficantes em operar na região com impunidade. Rotas indirectas adicionadas a custos de transporte, mas isto pode ser compensado por baixas taxas de apreensão e a disponibilidade de trabalho barato. Os traficantes tiram proveito da presença de grandes populações expatriadas em alguns dos países de maior consumo. Os nacionais da África ocidental pagos com drogas já podem bem distribuir esta mercadoria para redes estabelecidas na Europa.

A relação entre a África Ocidental e a Europa no que diz respeito ao tráfico pode provar ser semelhante à existente entre o México e os Estados Unidos. Como os africanos Ocidentais, os cartéis mexicanos iniciaram como prestadores de serviço para os grupos traficantes Colombianos, e eram pagos com drogas em vez de dinheiro. A sua extensa diáspora marginalizada nos EUA lhes permitiu eventualmente assumir o controle do mercado e relegar os colombianos para um papel secundário. Em ambos os casos, as relações de cruzamento de bordo e fluxos de remessa fornecem infra-estrutura para comércio criminal transnacional. A situação na África Ocidental poderia vir assemelhar-se àquele que assola o México actualmente no qual algumas polícias locais foram co-optadas por grupos de traficantes, que se ocupam de fazer guerra aberta contra o estado e entre si.

Exceptuando a África Ocidental como um todo que é mais pobre e menos estável em relação ao México, e tão mais provável ser submetida ao conflito. Grande número de ex crianças soldados e outros jovens brutalizados têm poucas fontes de rendimento ou alternativas para o seu futuro.

A situação é ainda mais inquietante devido a uma falta de informação básica sobre as questões de segurança. Dados sobre o nível do uso de drogas na região datam dos anos 1990, e mesmo assim são questionáveis. Estatísticas sobre o crime são indicadores incertos em países com pouca capacidade para recolher e onde muito da actividade de justiça acontece através de estruturas tradicionais. A maioria das apreensões de droga nesta região foram feitas ou através de compensação estrangeira ou casualmente. Estimativas sobre a extensão do problema são necessariamente ásperas e indicações de tendência incertas. Porém, a informação que emergiu é suficientemente alarmante para merecer um esforço renovado em termos de recolha e partilha de dados para a África Ocidental.

Este relatório apresenta a informação disponível no momento, começando com uma descrição dos principais mercados de droga: cocaína, heroína, e cannabis. Dados sobre apreensões e prisões tanto na África Ocidental como na Europa são analisados. O relatório discute o potencial impacto e a profunda vulnerabilidade da região da África Ocidental em relação ao crime e à instabilidade.

AS AMEAÇAS DA DROGA

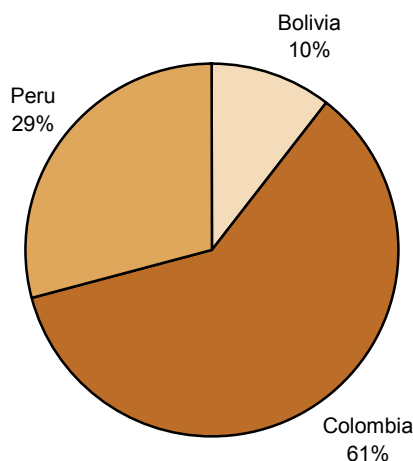
Para perceber a ameaça imposta pelo comércio da droga, é necessário entender a natureza do tráfico. Tipos diferentes de tráfico podem ter efeitos muito diferentes em áreas de trânsito. Por exemplo, a América Central e o Caribe sofreram muito tempo por ter sido colocado entre os produtores de cocaína da América do Sul e os usuários de cocaína da América do Norte. Mas nos últimos anos, este fluxo começou a ter um impacto sério nas taxas de assassinato em vários países de trânsito. Este efeito pode ser demonstrado bastante dramaticamente por uma análise provinciana das taxas de assassinato em países como a Guatemala e El Salvador. As províncias mais preocupantes são aquelas associadas com o comércio de droga, não (como normalmente é o caso) as que contêm as conturbações maiores. Esse fenômeno reflecte, um grande número de traficantes em pequena escala que operam em competição entre si, contrariamente aos fluxos mais centralizados do passado.

Em contraste, a Europa do Sul e Oriental tem sido primeiro corredor para o tráfico da heroína do Afeganistão para Europa Ocidental pela denominada "rota balcânica" por algum tempo. Estes fluxos, originalmente organizados sob governos autoritários, permaneceram altamente controlados, e tiveram relativamente poucos «transbordamento» em termos de efeito nos países de trânsito. Pelo menos através dos Balcãs, aparentemente as drogas permanecem nas mãos dos mesmos grupos. As taxas de uso de droga nos países balcânicos permanecem baixas - cruzando um ou dois bordos podem redobrar o valor da remessa, assim faz pouco sentido comercial em esgotar o produto em mercados locais. O risco de interdição também é secundário - enquanto que se estima que 80 toneladas de heroína passam pela região anualmente, apenas aproximadamente 2% dessa quantidade foi apreendida pelos governos de Europa do Sul e Oriental em 2006. Como resultado, aparentemente a maioria da heroína passa intacta pela região.

A pergunta fundamental, afinal, predizendo o impacto futuro é: “o tráfico de drogas na África Ocidental se assemelha mais à situação na América Central ou a situação nos Balcãs?” Baseado no que nós sabemos actualmente, o quão profundo é o impacto provável do tráfico de drogas para a segurança na região? A discussão seguinte considera esta pergunta para cada tipo principal de droga.

A cocaína

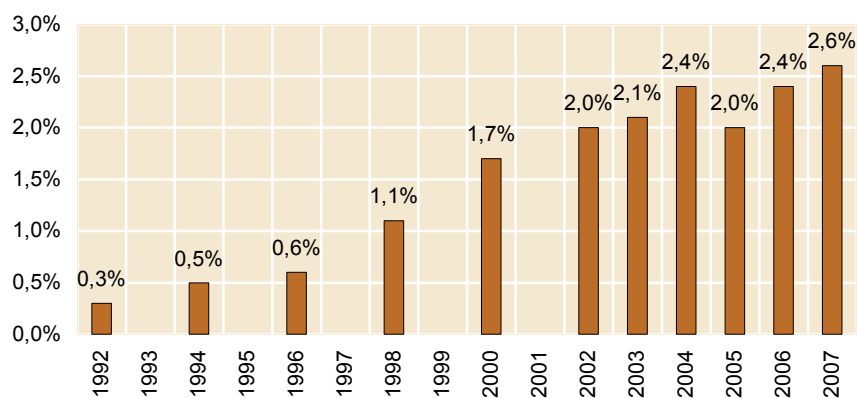
Quase toda a folha de coca do mundo é produzida em apenas três países: Colômbia, Peru, e Bolívia. Grupos colombianos produzem a maioria da folha de coca, gerem a produção de cocaína nos outros dois países, e foram líderes no tráfico internacional no passado. Muitas, se não a maioria, das maiores remessas de cocaína apreendidas ao redor do mundo estiveram sob o controle de grupos colombianos, qualquer que seja a nacionalidade da tripulação ou bandeira do recipiente.

Gráfico 1: Partes potencial de produções globais nacionais de cocaína em 2007

Fonte: Relatório Mundial sobre a Droga 2008

Mercados globais de cocaína estão em mudanças. Desde os meados dos anos 1980, a cocaína tem perdido sua atração nos Estados Unidos. A prevalência de cocaína nos adultos é actualmente 50% abaixo do que era há duas décadas atrás¹. Em face do declínio da procura no mercado de estréia, traficantes de cocaína tiveram que encontrar novos consumidores em outros lugares.

Eles encontraram estes novos usuários na Europa Ocidental. Desde os meados dos anos 1990, os mercados de cocaína em vários países europeus começaram a crescer. Em algumas áreas, a cocaína tornou-se a droga de eleição, uma vez que o ecstasy e as substâncias relacionadas tornaram-se ultrapassadas. Por exemplo, de acordo com a Pesquisa Britânica sobre o Crime, a prevalência de uso de cocaína aumentou, mais de quadruplicou na última década, de 0,6% da população adulta em 1996 para 2,6 em 2007. A Espanha, Itália, e França viram o nível de uso da cocaína duplicar ou triplicar nos últimos anos.²

Gráfico 2: Parte da população adulta do Reino Unido que usa cocaína anualmente

Fonte: Pesquisa Britânica sobre o Crime

Como resultado, uma parte crescente da produção de cocaína está a trocar de mercados do Norte da América para mercados na Europa Ocidental, como ilustrado nas figuras sobre as apreensões

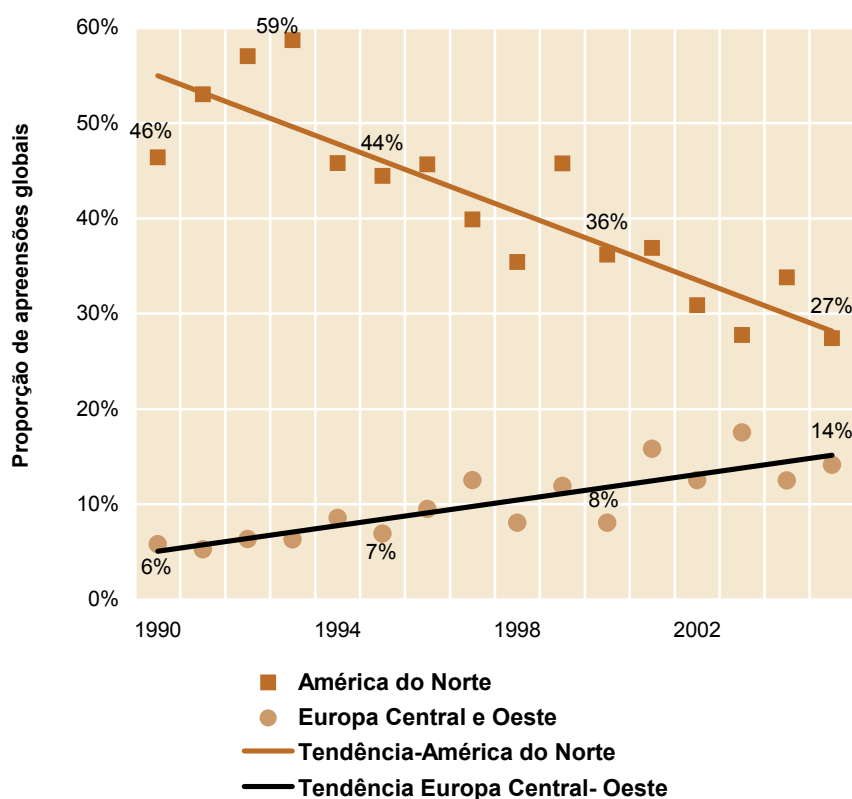
¹ Mais adiante, recente evidência forense sobre o ambiente de trabalho teste indica uma volta descendente nos níveis de uso. Veja ONDCP, Declínios do Uso de Cocaína Entre a Mão-de-obra Norte-Americana, boletim de imprensa -Força de Trabalho 9 Agosto 2007.

² ONUDC, Relatório Mundial sobre a Droga 2007. Vienna: ONUDC, 2007.

(Figura). O valor decrescente do dólar dos EUA relativo ao Euro podem estar também a afectar as escolhas de traficantes em relação aos mercados preferidos. Os dados recentes disponíveis demonstram que um quilograma de cocaína na Europa vale duas vezes mais tanto quanto estiver nos Estados Unidos.

Outro factor importante é a interdição. Depois de anos de esforço, os governos do Hemisfério Ocidental conseguiram ganhos significativos parando a oferta de cocaína para os Estados Unidos. As medidas repressivas empreendidas contra os líderes de carteis pela Administração do Presidente mexicano Calderon parecem ter afectado significativamente o tráfico.³ A melhoria na aplicação da lei, entre outros, marcou vários registos de apreensão de cocaína e o impedimento significativo do tráfico marítimo.⁴ Pela primeira vez, a escassez de cocaína foi verificada em 38 cidades norte-americanas, fazendo com que os preços dobrassem.⁵ Enquanto as previsões são de que a oferta de cocaína para o EUA será retomada logo, os traficantes crescentemente podem estar seguindo o caminho de menos resistência.

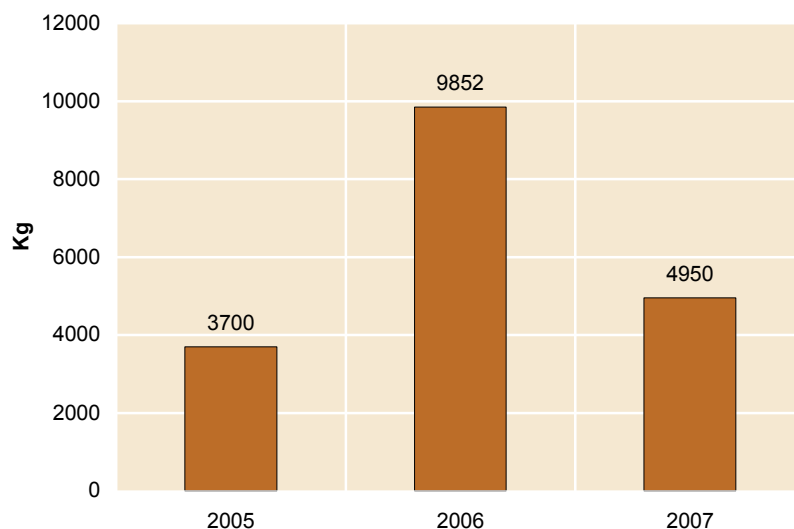
Gráfico 3: Apreensões globais de cocaína feitas na América do Norte e Europa Centroeste



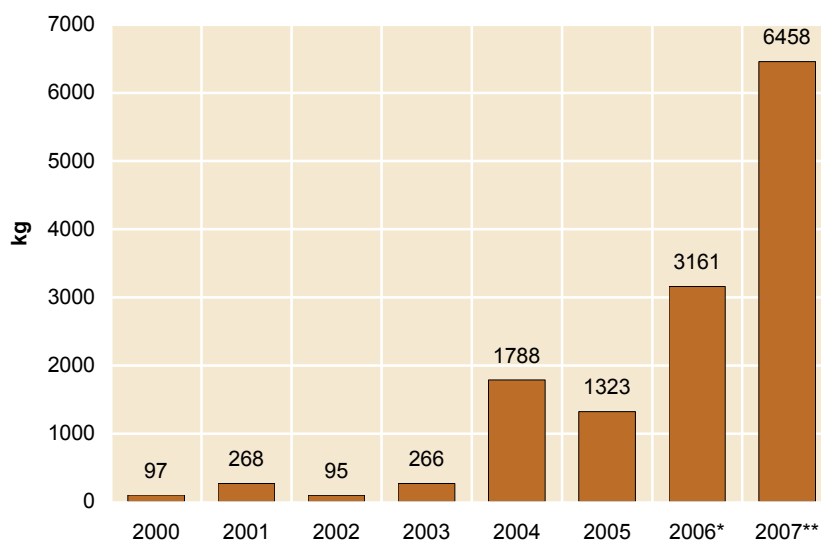
³ Cook, C. Cartéis de Droga de México. Washington, D.C.: Serviço de Pesquisa Congressional, 16 Outubro 2007.

⁴ Em março de 2007, a Guarda Costeira Norte-Americano apreendeu mais de 20 toneladas de cocaína fora a costa de Pacífico de Panamá. Em abril, autoridades colombianas descobriram 13 toneladas de cocaína enterradas perto da cidade litoral de Pizarro. Em outubro, autoridades apreenderam 10 toneladas métricas de cocaína na cidade mexicana do norte de Tampico. Depois no mesmo mês, autoridades apreenderam 26 toneladas de cocaína de um navio na cidade de porto de Manzanillo. Veja 'o México chama maior apreensão de cocaína na história de nação. Imprensa Associada, 1 de novembro 2007.

⁵ McKinley, J., "Citando a alta de Preços U.S. and Mexico ver Progresso Antidroga". *New York Times*, 2 October 2007.

Gráfico 4: Volume total de cocaína ligada à África (acima de 100 kg) apreendida por autoridades na Europa

Fonte: ONUDC, banco de dados de apreensões individuais de drogas e programa de dados para África

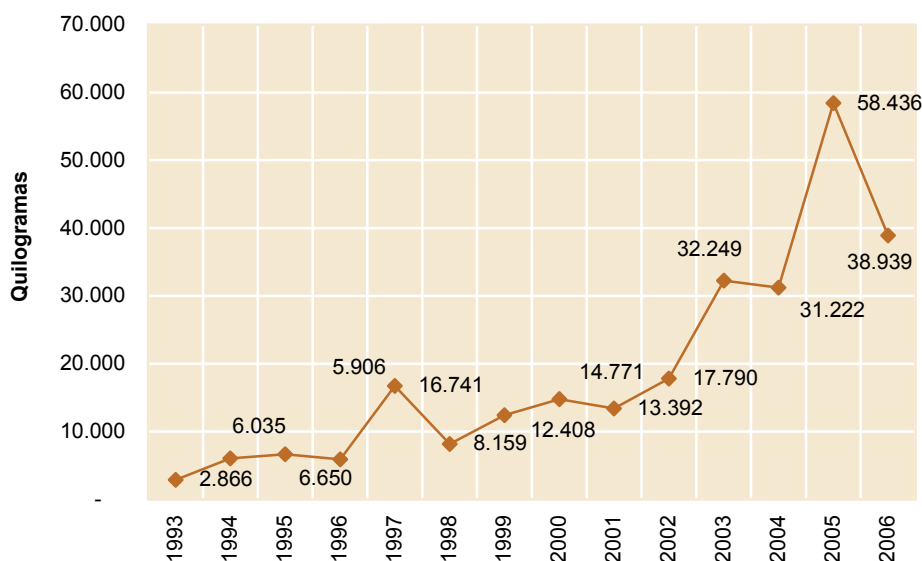
Gráfico 5: Apreensões anuais de cocaína feitas na África Ocidental (2000 - 2007)

Source: ONUDC, Relatório Mundial sobre a Droga 2007, e programa de dados para África, estatísticas de 2006 e 2007

*Dados preliminares para 2006 baseados em dados disponíveis em novembro de 2007

** De dados compilados pelo ONUDC entre janeiro e novembro de 2007

Recentes medidas repressivas do Governo de Uribe e progressos verificados contra os principais grupos insurgentes empurraram alguns dos grupos colombianos para a Venezuela. Crescentemente, grandes remessas marítimas e aéreas de cocaína têm partido da Venezuela, não da Colômbia, particularmente aquelas para a Europa do leste via África Ocidental. Talvez em parte como resultado, a taxa de assassinatos da Colômbia tem diminuído enquanto a Venezuela tem actualmente uma das taxas mais altas no mundo.

Gráfico 6: Apreensões de Cocaína na Venezuela

Fonte: ONUDC Base de dados Delta

Os traficantes colombianos permanecem muito importantes no abastecimento dos mercados ao redor do mundo, e aparentemente a maioria das grandes remessas que transitam pela África Ocidental permanecem sob o controle de grupos colombianos até que esses chegam à Europa. Parece que grupos da África Ocidental presentemente oferecem os seus serviços a este fluxo, e têm sido pagos com cocaína. Esta cocaína é traficada então para a Europa, em grande parte por correios em vôos comerciais. Uma vez na Europa, eles podem ser distribuídos através de grupos de negociantes expatriados africanos Ocidentais que são fundamentais em muitos mercados de droga europeus. A discussão abaixo debruça-se sobre o fluxo da cocaína de sua fonte, via África Ocidental, para o consumidor.

Da América do Sul para a África Ocidental

A cocaína deixa a América do Sul para a África Ocidental tanto por via marítima como por via aérea.

Enquanto apenas algumas remessas aéreas de cocaína foram apreendidas, a vigilância de radar sugere um número crescente de pequenos aviões que deixam a Venezuela para a África em vôos não programados. A aeronave envolvida é modificada freqüentemente para a viagem para o transatlântico através da inclusão de tanques de gasolina adicionais ou outras modificações para permitir o reabastecimento durante os vôos.

Apreensões dessas aeronaves foram feitas tanto na América do Sul⁶ quanto na África.⁷ As quantias envolvidas são grandes, com exemplos entre 600kg e 700 kg apreendidos. Estas remessas valeriam cerca de US\$33 milhões de dólares no mercado atacado europeu. Foram descobertos vôos para a Mauritânia, Serra Leoa, e Guiné Bissau.

⁶ No dia 10 de julho de 2007, na Venezuela foi apreendida uma consignação de 2.5 toneladas de cocaína. Os traficantes estavam carregando a droga em um avião privado rumo a Serra Leoa.

⁷ No dia 10 de julho de 2007, na Venezuela foi apreendida uma consignação de 2.5 toneladas de cocaína. Os traficantes estavam carregando a droga em um avião privado rumo a Serra Leoa.

Figura 1: O avião bimotor Cessna 441 utilizado para transportar a cocaína da Venezuela para a Mauritânia em Maio de 2007



Mas a maior parte da cocaína parece chegar na África Ocidental pelo mar. As remessas marítimas da América do Sul para a Europa seguem uma das três rotas gerais, de acordo com a Europol:

Três rotas marítimas principais para a Europa foram identificadas: a rota do norte, indo do Caribe via Açores para Portugal e Espanha,; a rota Central da América do Sul via Cabo Verde ou Madeira ou Ilhas Canárias para a Europa e, mais recentemente, a rota africana da América do Sul para a África Ocidental e de lá para a Espanha e Portugal. (Ênfase acrescentado)

A rota africana tende a envolver a pesca comercial ou frete de "transportes mães", frequentemente modificadas especialmente para o armazenamento de cocaína. Estes navios são reunidos no mar através de recipientes africanos tripulações africanas, frequentemente com um "controlador" da América Latina. Aconteceu pelo menos um incidente no qual uma remessa contentorizada foi usada.⁸ Os recipientes africanos podem continuar em direção ao norte ou podem ancorar na África Ocidental, com a droga para ser transferida para o norte através de outros meios. A propriedade do tamanho das drogas não é transferida, porém, e mantém-se nas mãos dos grupos latinos americanos até que chegam à Europa⁹. Os africanos Ocidentais¹⁰ parecem ser pagos pelos seus serviços com drogas que depois são encaminhadas para a Europa pelas suas próprias redes. De acordo com a Agência Britânica Contra o Crime Organizado (SOCA): "a maior parte da cocaína transitando pela África Ocidental é controlada por traficantes colombianos fixados na área representando os grupos na Colômbia, e há um aumento contínuo de colombianos que usam grupos de criminosos da África Ocidental para a distribuição secundária de cocaína para a Europa"¹¹.

Aparentemente a Guiné Bissau é o ponto principal de entrada da droga,¹² e pelo menos um grande carregamento foi detectado a entrar em Gana.¹³ Mas como será explicado abaixo, o ponto pelo qual as drogas entram na África pode ser diferente do ponto pelo qual elas saem. Por um série de

⁸ Em Março de 2007, 500 kg de cocaína foram apreendidos num contentor em Cabo Verde.

⁹ Composto por indivíduos provenientes da Colômbia, Venezuela, México, e Brasil.

¹⁰ Composto por indivíduos provenientes da Nigéria e de Gana.

¹¹ SOCA, *The United Kingdom Threat Assessment of Serious Organised Crime 2008/9*. London: SOCA, 2008.

¹² Ver ONUDC, *Tráfico de Cocaína na África Ocidental: A ameaça para segurança e desenvolvimento (com referência especial para Guiné-Bissau*. Viena: ONUDC, 2007.

¹³ No dia 21 de abril de 2006, a Marinha britânica avistou uma traineira de pesca e suspeitou-se ser um recipiente dos ganianos (o MV Benjamin) levando uma multi-tonelada de cocaína no Oceano Atlântico, indo em direção à costa Ocidental africana. A informação foi retransmitida prontamente ao painel de ganianos "comando Narcótico" que continuaram monitorando o recipiente até 40 milhas náuticas sul de Tema, o porto principal em Gana, mantendo as autoridades locais apreensivas. Infelizmente, as autoridades ganianas não entraram em ação até 27 de abril, seis dias após o "tip-off" da contraparte Britânica. O barco foi procurado, mas só uma bolsa de 30 kg de cocaína foi encontrada. O comitê estabeleceu que o barco estava carregado com 77 bolsas, ou aproximadamente 2.3 toneladas de cocaína

razões, pode fazer sentido utilizar vias terrestres num país mas em outro excluir essa possibilidade. As drogas podem ser movimentadas dentro da África Ocidental (e talvez até mesmo pelo Norte da África) por via aérea, marítima ou terrestre antes de serem transportadas para a Europa. As remessas parecem envolver principalmente grandes remessas marítimas e pequenos correios em vôos comerciais, embora outros meios tenham sido detectados.

Figura 2: Apreensão de 1,900 kg de cocaína numa pequena vila costeira de Pirampan em Gana em Maio de 2006



Imagem: Autoridades Ganeanas

Enquanto aparentemente o Oeste Africano está a ser actualmente utilizado com a finalidade de subterfúgio, a significação exacta da região para o resto dos grandes grupos de traficantes permanece obscura e sujeita a mudanças. É provável que pressões verificadas na América do Sul estejam a obrigar os traficantes a realocar aspectos desse comércio. As apreensões na África revelaram grandes estoques,¹⁴ enquanto algumas das remessas maiores pelo menos permaneceram algum tempo na África Ocidental antes de procederem em direção ao norte. Além disso, foram descobertos vários laboratórios de cocaína que convertem base em hydrochlorido de cocaína refinado, em Portugal e na Espanha,¹⁵ e foi sugerido que o processamento da cocaína possa estar a ocorrer na África Ocidental. Se os traficantes estão dispostos a transportar porções do processo industrial pelo Atlântico devido a condições mais favoráveis, a recolocação de parte do mercado atacado parece ser plausível.

Porém, no momento, aparentemente há dois fluxos paralelos: remessas grandes, principalmente marítimas, lideradas por grupos latino-americanos; e remessas menores, lideradas por africanos Ocidentais, que utilizam principalmente os correios aéreos de vôos comerciais. É o último fluxo que tem as implicações mais sérias para a região, porque as drogas são distribuídas entre um número grande de actores locais. O que eles fazem com os lucros, como eles resolvem as disputas, e onde eles fazem circular as drogas, tudo isso, poderia ter implicações profundas para a segurança local. Um relatório anterior do ONUDC deu uma atenção particular à Guiné-Bissau, e a secção seguinte analisa em detalhes o que é conhecido sobre correio aéreo da África Ocidental para a Europa.

¹⁴ Por exemplo, a apreensão de 1,900 kg de cocaína na pequena aldeia litoral de Prampan em maio de 2006, revelou o uso de Gana como um lugar de armazenamento na África Ocidental. No dia 27 de junho de 2007, um visitante informou à Polícia Senegalesa sobre um barco, desconhecido para os pescadores locais, em M'bour, uma aldeia no sul de Dakar. A Polícia (Gendarmerie) encontrou o barco na praia à frente do Clube Aldiana, 11 quilômetros ao sul de M'bour. No barco estavam 50 sacos, contendo 20 "stiks" de cocaína. Cada um dos sacos pesava 24 kg, para uma carga total de cerca de 1.2 toneladas. Rumores correram de que o barco tinha quebrado, e os donos tinham ido à procura de um mecânico para concertar a máquina. No dia 30 de junho de 2007, outras 1.25 toneladas de cocaína foram apreendidas numa casa de praia perto da zona da primeira apreensão. No jardim estava um barco coberto e debaixo do barco estava um porão concreto escondido que continha outras 51 bolsas de cocaína, idêntico ao primeiro caso. Sete pessoas foram presas, incluindo três latino-americanos e uma mulher francesa. A apreensão foi destruída em agosto de 2007 e ainda está sob investigação.

¹⁵ Europol 2007 op cit.

¹⁵ ONUDC, Tráfico de Cocaína na África Ocidental: *Ameaça para a segurança e o desenvolvimento (com especial referência à Guiné-Bissau)*. Vienna: ONUDC, 2007.

Correios aéreos comerciais da África Ocidental para a Europa

O uso de correios em vôos comerciais é a via preferida das redes de tráfico de droga da África ocidental, por todo o mundo. Isto é em grande parte por estas redes serem soltas, estruturas transacionais, não os “cartéis” hierárquicos vistos com outros grupos nacionais. Muitos traficantes têm interesses diversos de negócios formais e informais, e usam as drogas como um modo de adquirir capital inicial, enquanto passam freqüentemente para actividades menos perigosas na primeira oportunidade. A entrada é aberta para qualquer um capaz de iniciar, movimentar, e distribuir a droga, e estas conexões são feitas facilmente dentro da comunidade da diáspora global. A preponderância de “jogadores” de baixo nível favorece um baixo custo nas técnicas do tráfico, tais como correios aéreos comerciais e encomendas postais.

Traficantes novos podem iniciar com o processo de correio da droga eles mesmos até que ganhem bastante dinheiro para sub-contratar este risco, preferivelmente para correios menos prováveis de chamar a atenção. Redes com melhores recursos podem enviar grandes números de correios no mesmo vôo, uma técnica conhecida como a "abordagem indiscriminada". Os traficantes sabem que a maioria dos aeroportos têm a capacidade para deter um número limitado de suspeitos em qualquer vôo. As perdas são previstas, e até mesmo planeadas, mas a linha de fundo permanece viável.

Por exemplo, em dezembro de 2006, as autoridades holandesas prenderam 32 correios no mesmo avião. Os mesmos tinham deixado a Guiné-Bissau, com trânsito em Casablanca e descidos no aeroporto de Schiphol. Dos 32 correios, 28 eram nigerianos. Em julho de 2007, 16 correios foram presos no vôo semanal entre a Gâmbia e os Países Baixos. Oito correios foram presos no aeroporto de Banjul antes da partida e oito outras pessoas foram presas no aeroporto de Schiphol na chegada. Os correios eram principalmente nigerianos com residência na Europa. Outros 22 foram presos no vôo de Bamako via Tripoli no dia 23 de outubro de 2007, com destino a Schiphol dos quais 19 eram nigerianos, dois eram nacionais do Mali e um nacional da Libéria. Destes, 18 eram residentes em Espanha, dois na Grécia, um na Nigéria e um na Itália.

Pelo menos 1357 correios descobertos desde 2004

Desde 2004, pelo menos 1357 correios de cocaína foram descobertos em vôos que originaram da África Ocidental com destino para a Europa (freqüentemente via Casablanca ou Tripoli). Algumas dessas apreensões foram realizadas pela Interpol através do seu banco de dados COCAF que trata exclusivamente de vôos que emanam da região de África Ocidental para a Europa e outros pela ONUDC, através do banco de dados de apreensões individuais da droga (ID) existente há muito e que é global na sua extensão¹⁶. Entre eles, estes bancos de dados documentam a apreensão de cerca de 2.7 toneladas de cocaína desde 2006, a maioria em apreensões de dois quilogramas ou menos. Enquanto não se pode dizer que esta amostra seja representativa¹⁷, é grande, e os dados são instrutivos. Todos os gráficos e discussão feitos abaixo referem a esta combinação de dados.

Muitas das tentativas detectadas são manifestadamente amadoras que poderia ser indicativo de duas coisas. Uma é que o mercado para cocaína na África Ocidental é aberto verdadeiramente a empresários de todos os níveis de experiência. Outra, é que os correios infelizes foram descobertos por desígnio, pretendiam distrair atenção sobre outros correios no mesmo vôo.

¹⁶ O banco de dados de ID registra apreensões sobre uma quantia no limiar (100 gramas para cocaína), com a suposição que volume maiores de apreensões representam drogas no processo de ser traficadas, em lugar daquelas em posse de usuários ou pequenos negociantes. Com a finalidade desta análise, foram incluídos apenas apreensões feitas nos aeroportos.

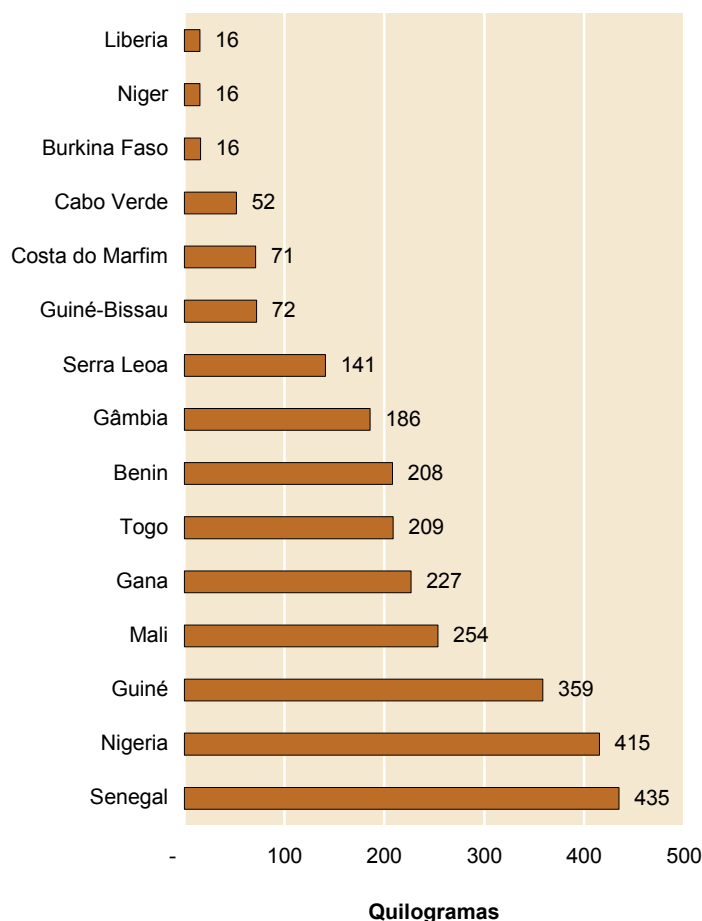
¹⁷ Não está claro que qualquer estado membro submete todos as apreensões pertinentes, ou apenas o mais notável. Também há aberturas claras na cobertura em termos da quantia de dados submetidos por alguns estados membros chave que asseguram que a amostra seja pouco-fortuita. Por exemplo, a Itália não submeteu dados constantemente ao banco de dados, e assim não pode ser regida fora como um ponto principal para o correio aéreo de cocaína.

Por exemplo, a polícia alemã capturou um correio nigeriano de 15 anos de idade com menos de quatro quilogramas de cocaína no Aeroporto de Hamburg no dia 15 de agosto de 2008. A cocaína vinha escondida nos fundos duplo de duas bagagens uma das quais estava contrariamente vazia (mas extraordinariamente pesada). Por um lado, a idade do correio e a bagagem “vazia” sugeria que esta criança estivesse a ser utilizada como um chamariz. Por outro lado, o mesmo efeito poderia ter sido alcançado com substancialmente menos de quatro quilogramas de cocaína, com valor abaixo de \$300,000 no atacado na Alemanha. Globalmente, isto parece com o trabalho de traficantes com mais recursos do que experiência.

Maior volume do Senegal e da Nigéria

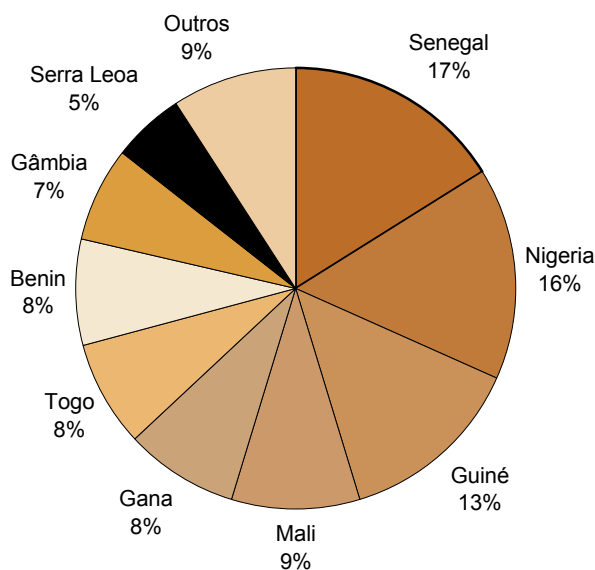
Analisando os volumes interditados por país de origem do voo, o Senegal emerge como a única fonte maior, com 434 kg obtidos em 105 apreensões distintas. Mas há uma variação considerável no tamanho total das apreensões para cada país de embarque. O Senegal sobe ao topo por causa do grande tamanho total das suas apreensões – maiores de quatro quilogramas. Um maior número de apreensões menores foi feito em voos que originaram da Nigéria (165), Mali (177), e Guiné (221). O topo dos quatro países de embarque corresponde a 62% dos incidentes, e 55% do volume interditado.

Gráfico 7: Volume de cocaína apreendida nos voos para a Europa com proveniência do país de embarque (Janeiro 2006 - Maio 2008)



Fonte: COCAF/IDS database

Gráfico 8: Percentagem do volume total de cocaína apreendida nos vãos para a Europa com proveniência do país de embarque (Janeiro 2006 - Maio 2008)

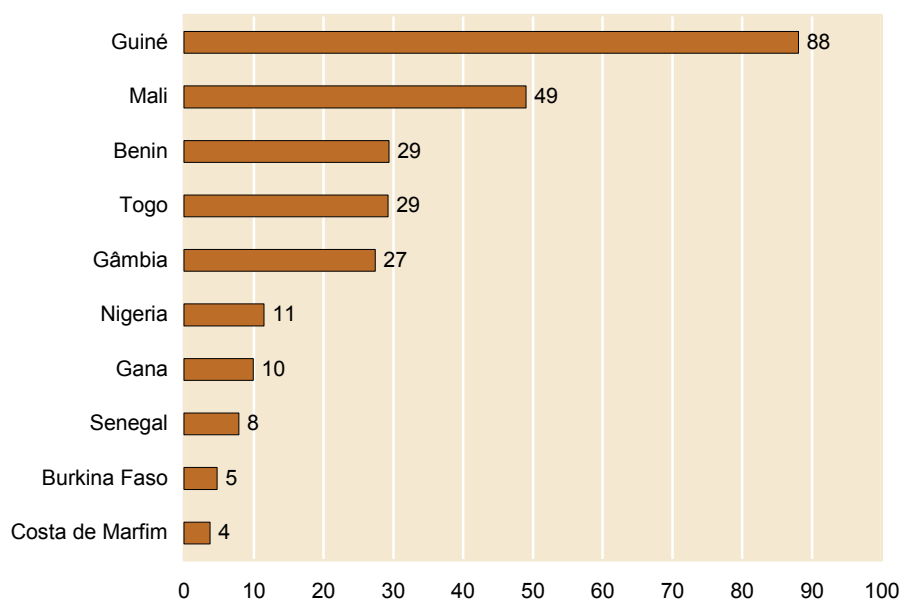


Fonte: COCAF/IDS database

Maior volume de “correios” (Transportadores de droga) provêm da Guiné-Conakry

ão é surpreendente que o Senegal e a Nigéria estejam no topo nessas comparações, na medida em que os seus principais aeroportos internacionais movimentam mais de 1 milhão de passageiros por ano. Se todas as outras coisas fossem iguais entre os países da África Ocidental, seria de esperar que estes países transportassem quantidades maiores. É interessante, então, observar que a Costa do Marfim, classificada em terceiro ou quarto lugar em termos de quantidade de passageiros (com quase um milhão de passageiros internacionais em 2007), esteve na origem de cerca de 2% das apreensões. Em contrapartida, pequenas quantidades apreendidas em países como a Libéria ou a Guiné-Bissau podem ser explicadas pelo baixo nível dos serviços de transporte aéreo nesses países. O tráfego aéreo só pode ser integrado levando em consideração a taxa de apreensões por 100,000 passageiros aéreos internacionais, baseado em dados da Organização Internacional da Aviação Civil. Quando isso for feito, o número detectado de “correios”provenientes da Guiné (Conakry) e do Mali é particularmente importante na proporção da quantidade global de passageiros. Em outras palavras, estes países têm mais apreensões do que o número dos vãos permitiria supor, sugerindo que existem outros factores que os traficantes levam em conta para privilegiar esses pontos de embarque.

Gráfico 9: “Correios de cocaína” detectados nos vôos para a Europa por 100.000 passageiros internacionais com proveniência do país de embarque (Janeiro 2006-Maio 2008)



Fonte: Elaborado por Interpol (COCAF); UNODC (IDS); e OACI¹⁸

A Guiné-Conakry não foi anteriormente salientada como sendo uma importante placa giratória do tráfico, porém mais de 20% dos “correios” detectados voaram para fora deste país, e o grande número de “correios” referentes à quantidade global de passageiros sugere que se deve prestar mais atenção a este país.

Mali: Um ponto de partida intrigante

A utilização do Mali como um ponto de embarque representa um curioso afastamento nas rotas mais eficientes para a Europa Ocidental. Uma vez que a maior parte da cocaína chega por via marítima, não faz muito sentido do ponto de vista comercial transportar a remessa utilizando um lote suplementar de 1000 quilômetros do interior à Bamako, só para a mesma ser transportada para a Europa pela transportadora comercial a partir daí. Pelo menos uma grande apreensão (116 kg) foi feita a partir de um veículo comercial transportando cocaína a partir da Guiné Conakry para Bamako; relatórios dos serviços de inteligência sugerem que este é o método utilizado para mover a droga do interior. É possível que essa rota tenha sido originalmente escolhida pela sua novidade, pois o declínio no número de “correios” registrado no banco de dados entre 2007 e 2008 foi maior para o Mali do que para a região como um todo. Em alternativa, esta rota pode estar ligada à rede de conexões de alguns grupos de traficantes. A utilização preferencial de Bamako em detrimento de pontos costeiros de embarque mais evidentes exige uma investigação mais aprofundada.

Os nigerianos são os principais “correios” (Transportadores de droga)

A nacionalidade do “correio” não é necessária para identificar a nacionalidade dos instigadores. Muito embora o estatuto, no início, dos traficantes de drogas, pode ser o de “correio de cocaína” em seu nome próprio, o mais frequente na relação entre a “mula” e o proprietário da droga é de um

¹⁸ Os números da OACI datam de 2003, o ano mais recente para o qual existem dados comparáveis. Embora estes números são susceptíveis de ter aumentado nos últimos anos, provavelmente continuam a reflectir a importância relativa das capacidades dos aeroportos nacionais . .

explorador e, os dois são, muitas vezes, provenientes de grupos nacionais diferentes, nomeadamente nos casos em que o “correio” é detentor de um passaporte menos susceptível de chamar atenção.

Os nigerianos representam 57% dos “correios”. Embora houvesse mais de 10 vezes nigerianos detectados do que qualquer outro grupo, esta percentagem é apenas ligeiramente superior à sua quota da população regional (53%). Como os passaportes nigerianos levantam suspeitas na maioria dos aeroportos europeus, é altamente improvável que qualquer outro grupo queira fazer-se passar por nigeriano, ou preferencialmente empregar-se como “correios” nigerianos. Deste modo, a maioria dos “correios” nigerianos provavelmente foi contratada por traficantes nigerianos, e alguns nacionais nigerianos podem ter adquirido legitimamente ou mediante fraude os passaportes das nações menos estigmatizadas.

Para além disso, os nigerianos não encontram limites em termos de transferências provenientes da Nigéria e foram detectados em vôos em proveniência de todos os países da região. Na verdade, os nigerianos são os únicos mais detectados em vôos a partir de todos os países da região, excepto da Guiné-Bissau. Dois terços das apreensões originárias do Mali foram associadas aos nigerianos. Da Guiné-Conakry, pelo menos 139 nigerianos foram detectados entre 2006 e meados de 2008, comparado a 15 guineenses. Os nigerianos residentes em Espanha foram detectados em pelo menos 86 incidentes, sugerindo um vínculo com a comunidade expatriada no país.

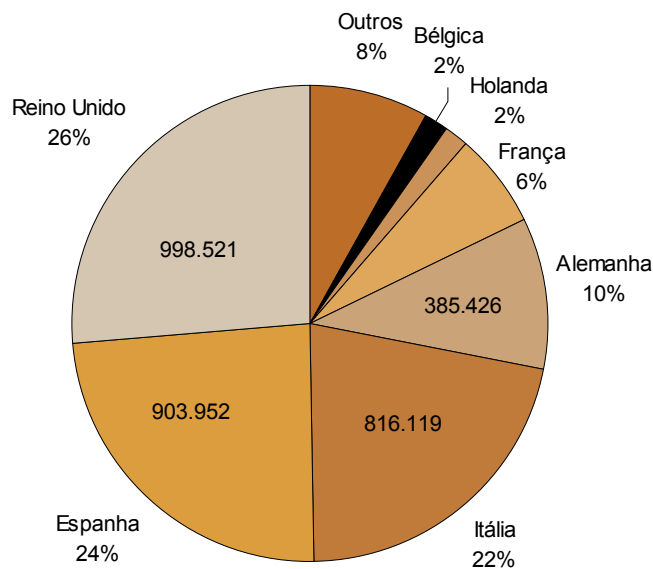
Em contrapartida, os senegaleses, que são oriundos do país com a maior quantidade global de apreensão, representam menos de 2% dos “correios”. A maior parte dos “correios” procede do Senegal, da Nigéria, (29%), de Cabo Verde (22%) e da Guiné-Bissau (15%).

Cerca de 9% dos “correios” eram europeus, em particular, britânicos, franceses, alemães e holandeses, detidos sozinhos ou ao lado dos oeste-africanos. A maioria foi capturada traficando cocaína para o seu país de origem.

A cocaína está destinada a conhecer mercados: Reino Unido e Espanha dominam

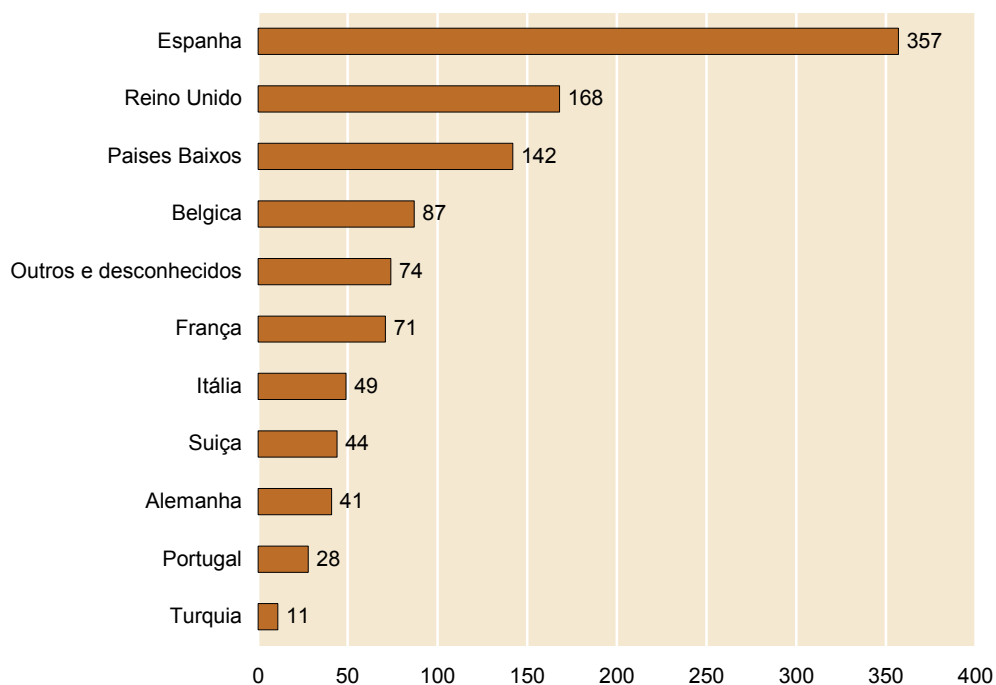
Em termos de países de destino, os dados sobre as apreensões estão, em geral, em consonância com o que se sabe sobre os mercados europeus de cocaína. A Espanha e o Reino Unido albergam as duas maiores populações de usuários de cocaína na Europa, e têm a maior quantidade de apreensões feitas a partir dos “correios” aéreos provenientes de África Ocidental. O Reino Unido detêm uma parte menor no total de apreensões (21%) do que a sua quota de mercado (26%) poderia prever, mas isso é porque também recebem a cocaína a partir de fontes não oeste africanas, incluindo outras fontes europeias. A Espanha serve concomitantemente como um destino prioritário e como um centro de redistribuição, e, desse modo, o seu papel é complexo. Em contrapartida, os Países Baixos, a Bélgica e a França apreenderam uma maior quota de cocaína do que os seus mercados locais indicariam, sugerindo que algumas das drogas apreendidas foram destinadas a outros mercados. A Alemanha apreendeu menos do que o esperado, provavelmente porque é o destino final do tráfico na Europa. Infelizmente, a Itália, um dos principais países consumidores de cocaína, não tem contribuído com dados para os bancos de dados COCAF IDS. Enquanto, a Itália é mencionada como um destino de apreensões feitas em outros países, a falta de dados sobre apreensões italianas significa que a importância do país é subestimada na análise.

Gráfico 10: Percentagem nacional dos usuários de cocaína na Europa Ocidental (Janeiro 2006-Maio 2008)



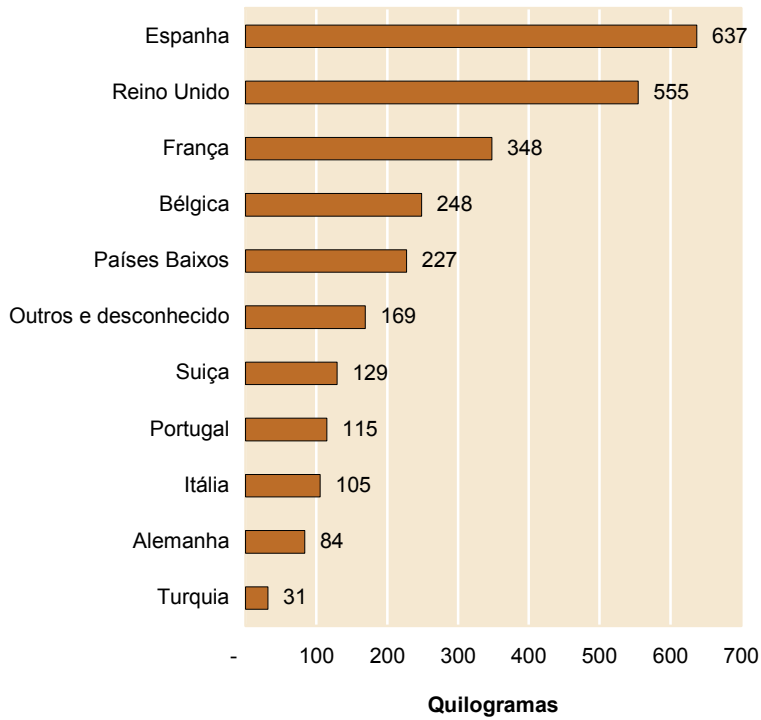
Fonte: Banco de dados Delta UNODC

Gráfico 11: Número de apreensões de cocaína a partir de “correios” aéreos comerciais por país de destino (Janeiro 2006-Maio 2008)



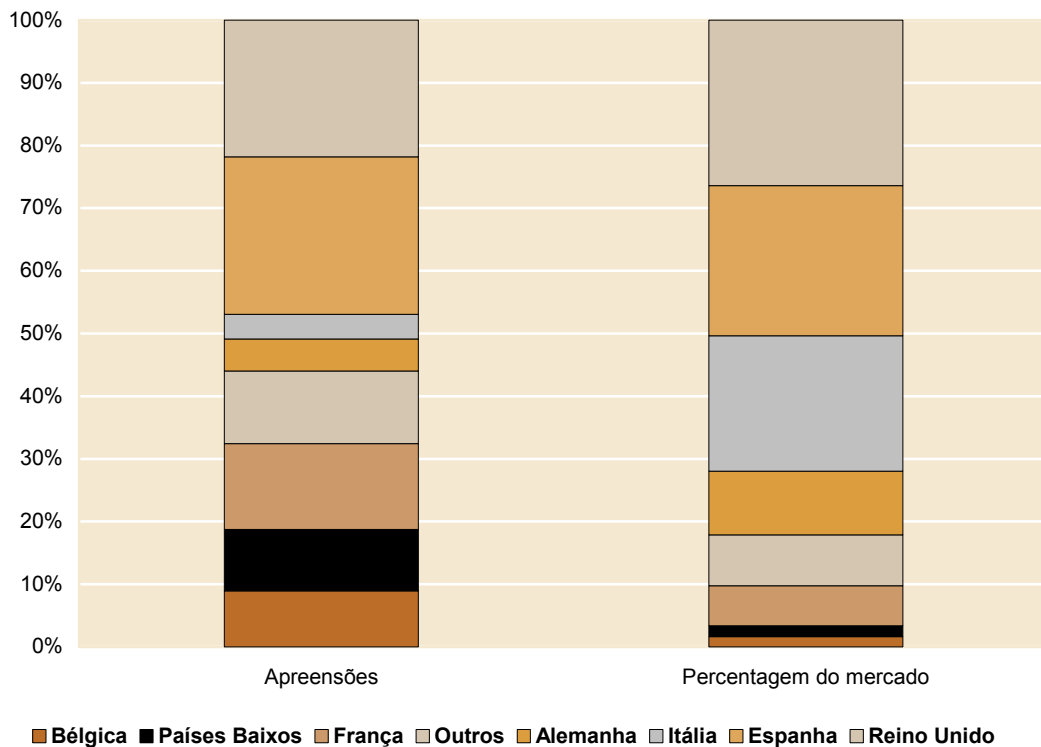
Fonte: Banco de dados Delta UNODC

Gráfico 12: Peso (Quilogramas) de cocaína apreendida a partir de “correios” aéreos comerciais, por país de destino (Janeiro 2006-Maio 2008)



Fonte: Banco de dados Delta UNODC

Gráfico 13: Percentagem de apreensões de cocaína feitas versus percentagem nacional estimada do mercado europeu de cocaína



Fonte: Banco de dados COCAF/IDS e banco de dados DELTA

O maior número de apreensões feitas foram destinadas a Espanha (33%). Isso é particularmente importante dado ao número de “correios” que a Espanha apreendeu provenientes directamente da América Latina. A Espanha tem uma das duas maiores populações de usuários de cocaína na Europa (juntamente com o Reino Unido), mas este realce também pode ser o reflexo da importância que o país tem assumido como centro de redistribuição devido ao seu papel em receber o tráfego marítimo e as suas ligações latino-americanas. No entanto, quase todos os “correios” documentados no banco de dados que foram detidos em Espanha, diga-se, terem sido destinados a Espanha. O mesmo é válido para o Reino Unido, um outro principal país de destino.

O crescimento nos mercados em França pode estar ligado à sua utilização como país de trânsito

Olhando para a quantidade de apreensões, as transferências para a Espanha são relativamente pequenas comparadas com as de países como a França, para o qual foi o destino de apenas 7% dos traficantes presos, mas de 13% do volume apreendido. Isso pode ser o reflexo da população relativamente pequena de usuários na França - as maiores transferências podem ser, em última instância, as remessas destinadas aos outros países. Dos “Correios”, entre os quais, 122 presos na França, apenas 61 foram destinados a França, sendo que os outros estavam em trânsito para os outros países. A utilização da França como um ponto de transbordo pode estar relacionada com as ligações aéreas e com os seus laços com as ex-colônias na região. Se assim for, isso representa um novo papel para a França, anteriormente um pouco isolada do tráfico da cocaína devido a sua população relativamente pequena de usuários e dos laços limitados com os países fornecedores. A França conheceu um aumento considerável de apreensões de cocaína nos últimos anos, assim como a utilização crescente das taxas, embora as apreensões continuem a ser desproporcionais para o uso local. Em 2006, a França apreendeu mais de duas vezes a quantidade de cocaína que apreendeu o Reino Unido, apesar do facto em como este último tem cerca de mais 1/4 de usuários de cocaína. Embora parte disso resulta das apreensões feitas no Departamento das Caraíbas e pela marinha francesa, o contraste é gritante.

Gráfico 14: Quilogramas de cocaína apreendidos em França, 2000-2006

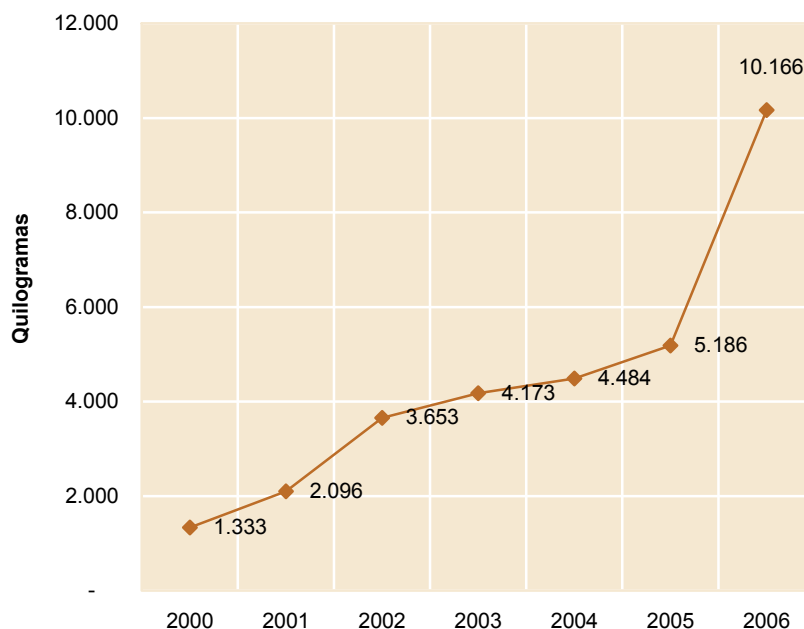
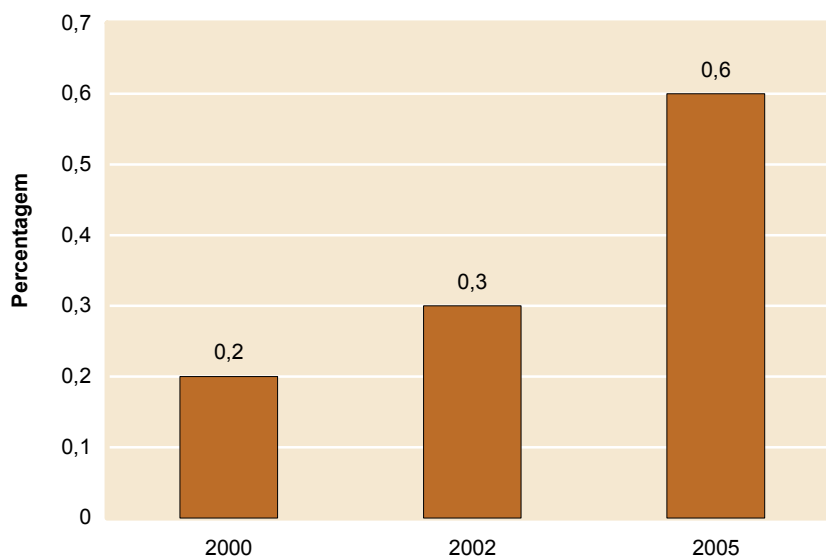
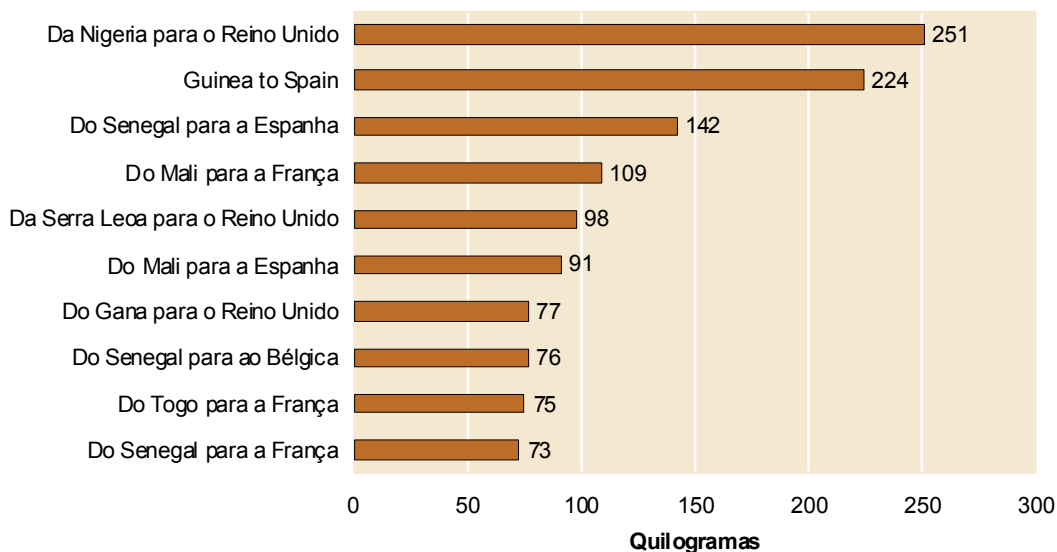


Gráfico 15: Taxa de prevalência anual de usuários adultos (15-64) de cocaína na França

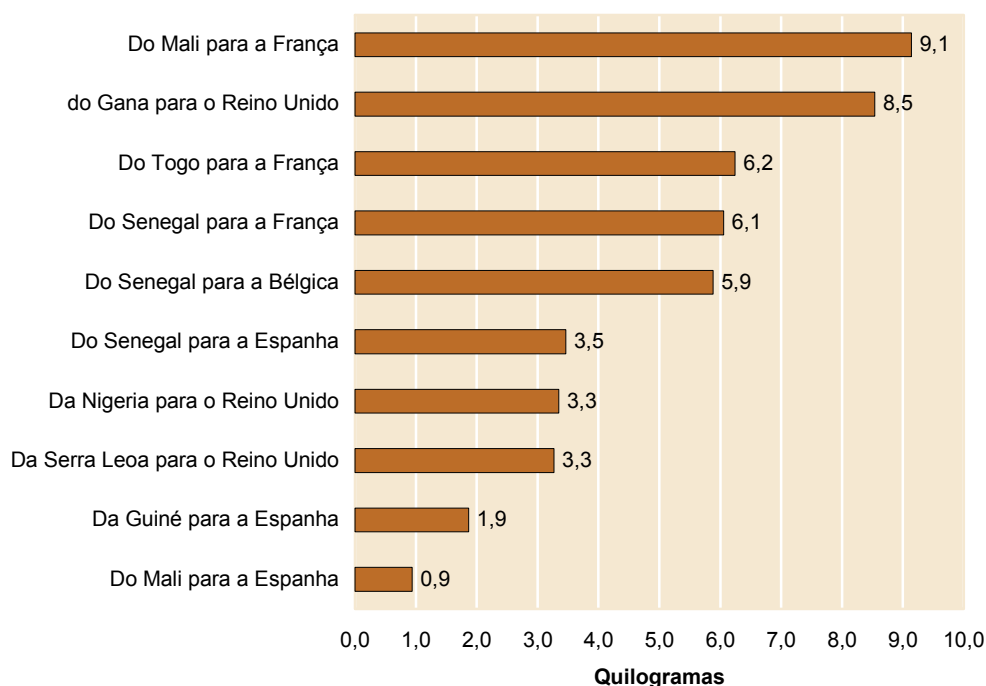
Fonte.: Banco de dados COCAF/IDS

Grandes rotas: da Nigéria para o Reino Unido e da Guiné-Conakry para a Espanha

Centrando-se, por um momento, no mercado espanhol, é possível vislumbrar alguns padrões distintos. Mais de 80% da cocaína apreendida destinada a Espanha foi retirada aos nacionais da Nigéria, da Guiné-Bissau, do Mali, e de Cabo Verde. Dois terços dos nigerianos embarcaram da Guiné ou do Mali. O mercado no Reino Unido é ainda mais concentrado entre alguns grupos, com 75% dos “correios” detectados sendo nigerianos ou britânicos. Mais de 60% dos nigerianos detectados embarcaram da Nigéria.

Gráfico 16: Quantidade total de cocaína apreendida a partir de “correios” aéreos comerciais, paralelamente as rotas no topo (Janeiro 2006-Maio 2008)

Fonte :Banco de dados COCAF/IDS

Gráfico 17: Tamanho médio das apreensões efectuadas, paralelamente as rotas comumente utilizadas

Fonte: Banco de dados: COCAF/IDS

Tamanho médio de apreensão vinculada à natureza do tráfico

A dimensão média das apreensões ao longo de qualquer rota pode estar associada a forma de dissimulação mais vulgarmente usada. Não é possível engolir muito mais do que um quilo de cocaína, de modo que nas rotas onde predominam esta técnica a quantidade média de apreensão é menor. Por exemplo, o tamanho médio de apreensão na Nigéria está relacionado ao facto de que a maioria (56%) dos “correios” detectados tinha engolido a droga. Esta é a mais elevada taxa global de drogas no corpo, entre todos os “correios detectados” (41%). Do Mali, a taxa foi ainda maior (67%), enquanto que a do Senegal, o índice era muito mais baixo (9%).

As técnicas específicas de dissimulação podem ser associadas a grupos específicos de traficantes. Os traficantes nigerianos são conhecidos por engolir drogas, e ainda dominam o tráfico proveniente do Mali - pouco menos de metade dos “correios” originários do Mali eram nigerianos.

Os nigerianos foram detidos recentemente ingerindo a cocaína na fronteira entre o Burkina Faso e o Mali; eles apenas foram detectados devido aos atrasos na passagem de fronteira obrigando-os a entregar a droga. Globalmente, 56% dos “correios” nigerianos que foram detectados tinham drogas no corpo. Em contrapartida, apenas 10% dos “correios” britânicos tinham drogas no corpo.

Mas a quantidade de apreensão pode também estar relacionada com a taxa de detecção de drogas no corpo em aeroportos de destino diferentes. Os agentes do aeroporto que possuem uma longa experiência com o tráfico de droga podem ter maior probabilidade de detectar os drogas no corpo do que aqueles para quem o fenómeno é mais recente. Apenas 18% dos “correios” detidos em França eram transportadores de drogas no corpo, em oposição a 99% das pessoas presas nos Países Baixos. Também pode ser que os “correios” adaptam as suas técnicas para se adequar aos desafios de determinados aeroportos.

A maior parte do tráfego aéreo comercial vem do Senegal, Nigéria, Guiné-Conakry e Mali

Em resumo, se é verdade que todos os países da região estão afetados pelo tráfico de cocaína, alguns países são muito mais importantes do que outros. Cerca de 62% dos incidentes e 55% do volume interdito vêm de apenas quatro dos 15 países da CEDEAO: Senegal, Nigéria, Guiné-Conakry e Mali. O Senegal e a Nigéria fazem sentido já que têm os maiores tráfegos aéreos, mais estudos são necessários para determinar por que razão a Guiné e o Mali desempenham um importante papel.

Muito embora não são tão importantes como os quatro grandes países, o Benin, o Togo e a Gâmbia contribuíram colectivamente com cerca de 20% de apreensão, facto surpreendente para essas pequenas zonas com serviços limitados. Se esses países recebem expedições marítimas ou aéreas diretamente da América do Sul ou se as drogas são traficadas por outros oeste-africanos não é clara. Reduzidas apreensões têm sido associadas a estes países de forma que a razão para a sua utilização requer maior investigação.

O tráfego aéreo comercial a partir da Costa do Marfim e do Gana é menos do que seria de esperar

Apesar de estar bem ligada à Europa, a Costa do Marfim é a fonte de muito pouco “correios” e não teve grandes apreensões relacionadas com o seu território. Seria necessário mais investigação para determinar a razão pela qual este país parece ser ignorado pelos traficantes de cocaína, particularmente como era antigamente um ponto favorito de transbordo de heroína. No Gana, por outro lado, grandes apreensões foram bem documentadas, tanto no mar como em terra. Enquanto que uma certa quantidade de “correio” aéreo comercial tenha sido detectada, é menos do que seria esperado com base nas suas ligações. Parece que muito do influxo do Gana é desviado para a Nigéria, Benin, e Togo, talvez em resposta ao aumento da segurança nos aeroportos britânicos ao abrigo da "Operação Westbridge".

Falta de ligações aéreas significa que a cocaína deve ser traficada no interior da África Ocidental

A Guiné-Bissau é normalmente considerada como sendo um dos principais pontos de entrada da cocaína que entra no continente, mas a falta de vôos comerciais regulares torna o país inapto aos transportadores. As drogas que entram neste ponto terão de ser reencaminhadas para os países com melhores conexões, como o Senegal e a Guiné. A Libéria também carece de tráfego aéreo comercial, e tem havido poucas apreensões associadas a este país. A Mauritânia foi o local de algumas grandes apreensões, mas sofre da mesma carência.

Pode haver duas placas giratórias funcionando de modo independente

Baseado em ambas as apreensões marítimas e aeroportuárias, parece que há pelo menos duas placas giratórias distintas de tráfico de cocaína na África Ocidental. A do sul parece envolver cocaína traficada para o Gana e, em seguida, encaminhada para o Togo, Benin, e Nigéria. A placa giratória do norte envolve a Guiné-Bissau como um ponto de entrada, bem como, eventualmente, a Serra Leoa e a Mauritânia como destinos aéreos. Essas drogas poderão ser enviados ao Senegal, Guiné e Gâmbia por meio aéreo. O Mali parece ser abastecido por via terrestre a partir da Guiné-Bissau e Guiné Conakry. Entre estas duas placas giratórias, na Libéria e na Costa do Marfim, há poucos indícios de actividade. Toda esta actividade comercial aérea não seria possível se não fosse assim estabelecido o comércio grossista e retalhista de droga nos mercados na Europa.

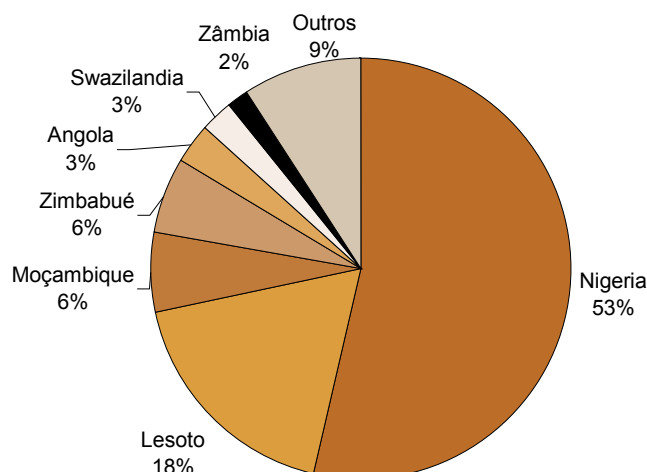
Os oeste-africanos não aceitariam a cocaína como meio de pagamento se não soubessem de uma forma de revender com lucro rápido. Em outras palavras, o papel da África Ocidental como região de trânsito da droga é fortemente dependente da presença das redes oeste africanas de distribuição de drogas em outras partes do mundo. Infelizmente, estas são abundantes e altamente evoluídas.

O envolvimento oeste africano na distribuição da cocaína na Europa

As redes oeste africanas de criminalidade organizada, nomeadamente os grupos nigerianos são activos em mercados da droga pelo mundo fora. O registo de detenções da IDS de cidadãos nigerianos no tráfico de droga em pelo menos 45 países pelo mundo fora desde 2000, incluindo áreas normalmente não associados à imigração africana, tais como o Afeganistão, Finlândia, Quirguistão, Indonésia, e a República da Coreia. Ao invés de conquistar mercados já bem servidos por tráfico de grupos locais, estes grupos são altamente adaptáveis, abordando mercados negligenciados por outros ou que trabalham em cooperação com as organizações.

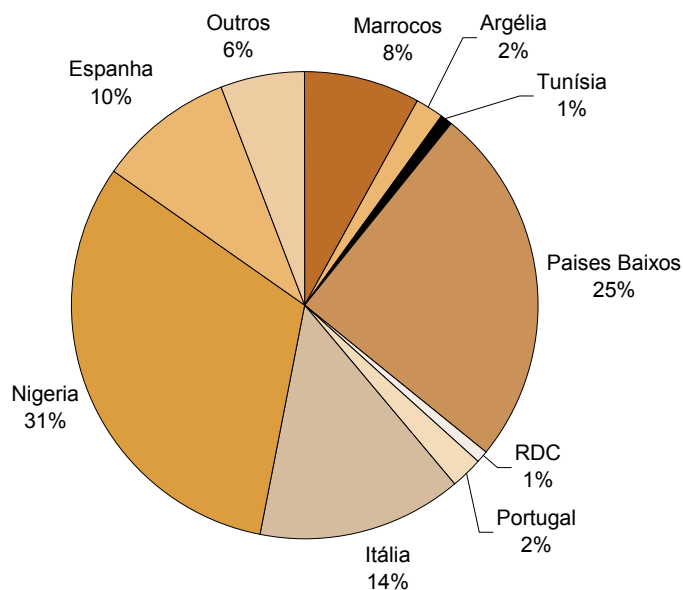
As redes oeste africanas de tráfico têm também uma grande presença em cidades próximas às fontes de cocaína e da heroína, incluindo São Paulo, Banguete, e Karachi. Elas dominam o tráfico de droga em outras partes da África, compreendendo mais de metade dos cidadãos estrangeiros detidos por tráfico de droga, por exemplo, na África do Sul em 2005. Na Europa, os nigerianos e outros nacionais oeste africanos situam-se entre os principais grupos estrangeiros detidos por tráfico de cocaína e outras drogas ilícitas.

Gráfico 18: Nacionalidade dos traficantes de drogas estrangeiros detidos em África do Sul por tráfico de cocaína em 2005



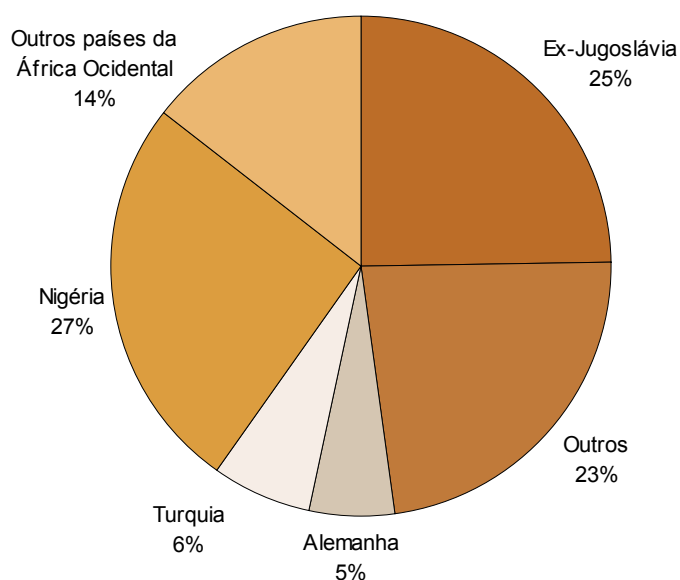
Dados sobre a nacionalidade de pessoas detidas por tráfico de droga são recolhidos pelas Nações Unidas através dos Questionários dos Relatórios Anuais (ARQ). Nem todos os países prestam essa informação e há relatórios mais completos do que outros e estes dados, assim como os relativos a apreensão, destacam quem foi preso e não quem está por detrás investigando. Uma revisão dos dados, no entanto, serve para sublinhar a importância dos grupos Oeste Africanos na distribuição europeia da droga. Por exemplo, há mais nigerianos detidos por tráfico de cocaína na França do que qualquer outro grupo nacional. Em 2006, 31% dos estrangeiros presos por cocaína eram nigerianos. De salientar que os nigerianos não estavam incluídos na lista das 10 principais nacionalidades dos detidos por tráfico de drogas em 2005.

Gráfico 19: Nacionalidade dos traficantes de drogas estrangeiros detidos em França por tráfico de cocaína em 2006

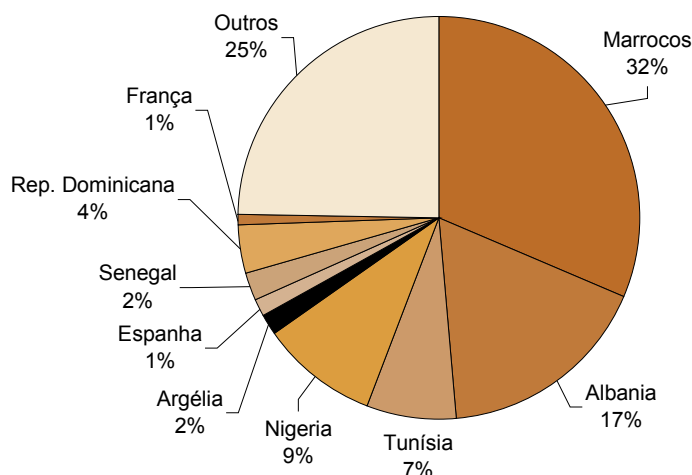


O mesmo aconteceu na Áustria – os nigerianos estavam no topo do grupo de estrangeiros presos por tráfico de drogas em 2007, com 115 indivíduos presos. Na sua apresentação ARQ 2006, os austríacos ressaltaram também que os grupos oeste africanos estão cada vez mais fazendo uso dos contrabandistas europeus, nomeadamente os dos novos estados membros da UE, e, por isso, o seu alcance pode ser maior do que sugere o número de detenções.

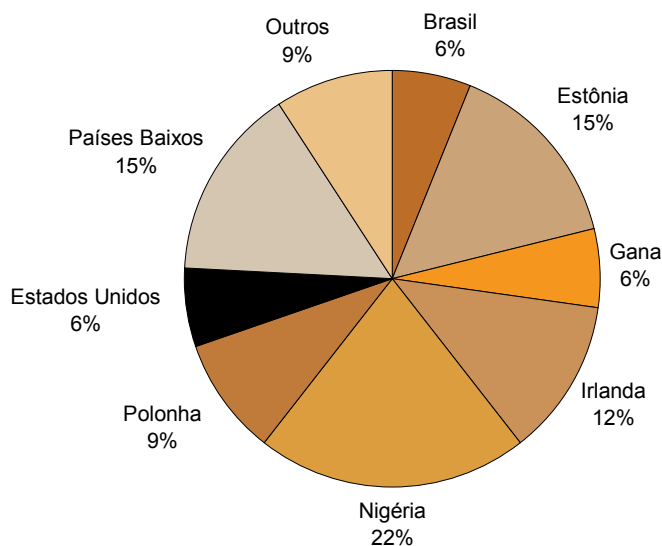
Gráfico 20: Nacionalidade dos traficantes de drogas estrangeiros detidos na Áustria em 2006



Havia 384 nigerianos detidos em Itália por tráfico de cocaína em 2006. Enquanto isso os coloca em terceiro lugar em termos de grupo estrangeiro de traficantes, eles são confrontados com a concorrência proveniente de grupos bem estabelecidos da África do Norte e da Albânia.

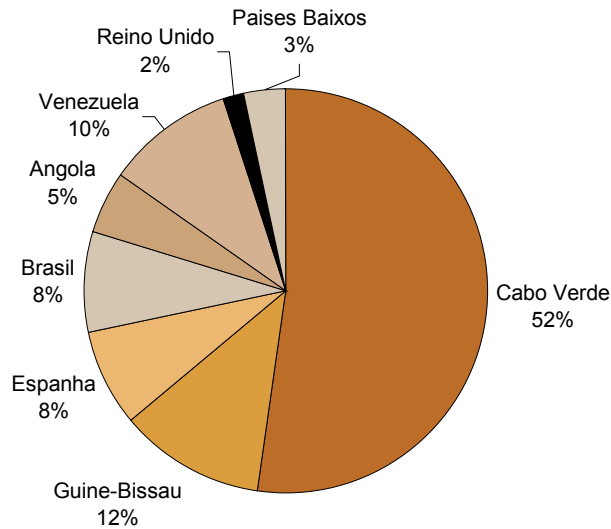
Gráfico 21: Nacionalidade dos traficantes estrangeiros de drogas detidos em Itália em 2006

Os Nigerianos ocupam, há algum tempo, com lugar de destaque no mercado de droga irlandês, e alguns até aprenderam a falar gaélico. Muito embora os números envolvidos sejam menores do que em vários outros países, havia mais nigerianos detidos por tráfico de cocaína na Irlanda do que irlandeses e há Ganenses no mercado também. Isto é invulgar - a maior parte dos países encontra uma percentagem favorável de detenções dos próprios cidadãos do que as dos traficantes estrangeiros de droga.

Gráfico 22: Nacionalidade de traficantes de cocaína detidos na Irlanda em 2006

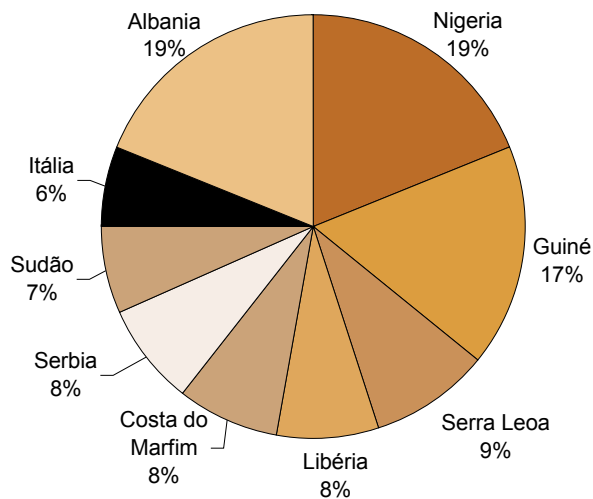
Em Portugal, os oeste-africanos representam dois terços dos estrangeiros detidos por tráfico de cocaína, ou seja, cerca de 276 indivíduos em 2007. Desta vez, porém, são os cidadãos dos países africanos da África Ocidental de língua portuguesa que dominam: Cabo Verde e Guiné-Bissau. É importante ressaltar que esses grupos podem competir com os grupos mais numerosos em Portugal e próximos da fonte de drogas, como o Brasil.

Gráfico 23: Nacionalidade de pessoas detidas em Portugal por tráfico de cocaína em 2007 (Oito grupos nacionais no topo da lista de traficantes estrangeiros de drogas)



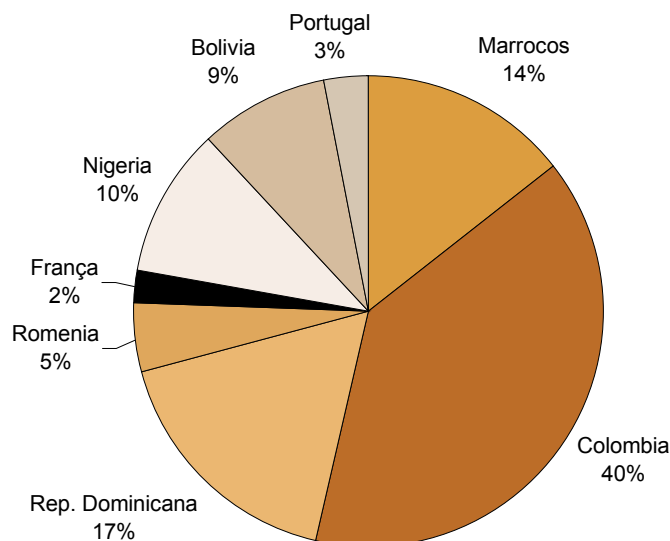
Na Suíça, a situação é ainda mais desigual na medida em que mais de 60% dos traficantes estrangeiros de drogas detidos são oriundos da África Ocidental. Estes provêm de um vasto leque de países sem ligações nítidas com a Suíça. Somente em 2006, 543 africanos foram presos, em comparação aos 581 suíços. Os cidadãos nigerianos representam o maior grupo estrangeiro de presos por tráfico de drogas.

Gráfico 24: Nacionalidade de estrangeiros detidos por tráfico de droga na Suíça em 2006 (Nove grupos nacionais no topo da lista de traficantes estrangeiros de drogas)



A Espanha representa um mercado com muito mais fervor na sua qualidade de principal ponto de entrada da cocaína na Europa. A Espanha tem uma grande presença latino-americana pelo que não é surpreendente que os Colombianos e os Dominicanos representem o maior grupo detetado de traficantes de cocaína. Os Nigerianos, porém, simbolizam 10% dentre as primeiras oito nacionalidades estrangeiras de traficantes, facto notável dada a ausência de laços linguísticos e culturais com o país.

Gráfico 25: Nacionalidade dos traficantes estrangeiros de cocaína detidos na Espanha em 2007 (Oito grupos no topo da lista das detenções de droga)



Qual é a ameaça que a cocaína constitui para a África Ocidental?

Em suma, os dados acima, demonstram, pelo menos, três coisas:

- Nos últimos três a quatro anos, a África Ocidental tornou-se numa importante zona de trânsito de cocaína com proveniência da América do Sul com destino ao mercado europeu, como evidenciam as grandes quantidades apreendidas tanto em terra como no mar.
- Os “correios” oeste africanos e europeus traficam pequenas quantidades de cocaína da África Ocidental para a Europa, como demonstram as detenções efectuadas nos aeroportos de mais de 1357 contrabandistas desde 2004.
- Os oeste africanos residentes na Europa são decisivos para as redes locais de distribuição de cocaína, representando entre 10% e 60% de traficantes estrangeiros de cocaína detidos em vários países europeus.

Não se trata de boa notícia para a África Ocidental. O tamanho e a distribuição das grandes apreensões, o número e a distribuição dos contrabandistas, assim como os laços para com as redes dominantes de distribuição em todos os países consumidores, apontam para um cenário mais próximo da América Central do que os Balcãs. Muitos pequenos operadores surgem com sendo principiantes no tráfico de droga, espalhando a droga e o seu impacto completamente em toda a região. Dado o desespero econômico e a ingenuidade empresarial da população, muitos mais irão provavelmente entrar no mercado num futuro próximo.

Ironicamente, duas coisas podem mitigar o impacto, permitindo a África Ocidental colocar –se num terceiro cenário alternativo aos dois anteriormente descritos. Um deles é que o mercado europeu está a expandir-se rapidamente, minimizando as pressões concorrenciais. Por enquanto, de qualquer modo, parece haver muita oportunidade para todos. Em segundo lugar, a limitada capacidade e a vulnerabilidade dos agentes locais de aplicação da lei também podem reduzir as pressões competitivas locais. A desorganização do mercado na África Ocidental, algo diferente da corrupção centralizada dos Balcãs, pode dissuadir qualquer pequeno grupo de tentar reivindicar um monopólio. Ao invés de tentar eliminar os concorrentes, as redes de tráfico podem muito bem se focalizar sobre a debandada do mercado.

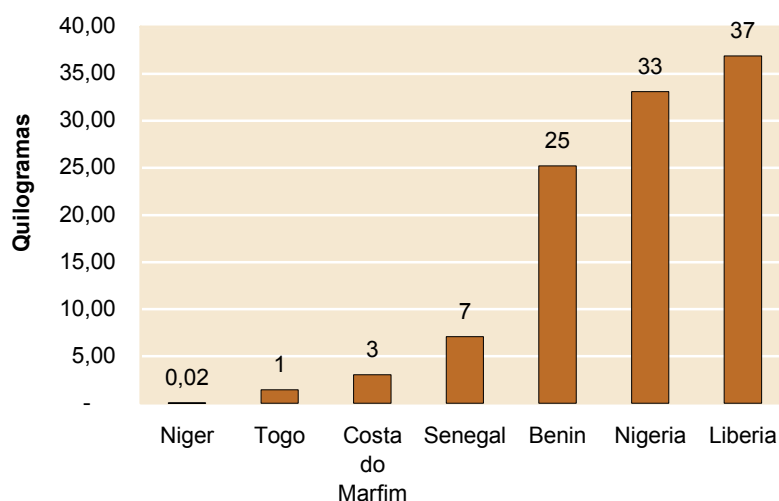
Heroína

Em termos geográficos, a África Ocidental parece menos adequada para o transbordo de heroína do que para a cocaína. Em 2007, o Afeganistão produziu 92% do ópio mundial, a África Ocidental não se encontra entre o Afeganistão e nenhum grande país de destino. As redes do Oeste Africano têm uma considerável presença em Banguete, e assim podem ter acesso à heroína produzida em Myanmar. Em 2007, o governo da Tailândia disse que os Oeste-africanos eram responsáveis pelo correio aéreo de heroína da Índia para a China, usando mulheres correio de nacionalidade nigeriana, congoleza, ganesa, filipina, paquistanesa e tailandesa.

O transbordo Marítimo a partir do Centro ou do Sudeste da Ásia seria extremamente ineficiente, pois a droga ou iria circunvagando a ponta sul da África ou seria desviada dos mercados de destino para portos da África Ocidental. As rotas terrestres para a África Ocidental estão bloqueadas por várias fronteiras, o Deserto do Sahara e milhares de quilômetros de estrada em mau estado. A única forma de acesso concebível para a região para o transporte de heroína, seria por via aérea, quer utilizando aviões de carga ou de passageiros.

São utilizados vôos comerciais de passageiros, mas os volumes envolvidos nessas transferências são limitados, como é explicado no texto acima sobre a cocaína. Não surpreende, então, as apreensões totais e anuais de heroína dos países do Oeste Africano são geralmente muito pequenas, representando menos de dois décimos de um por cento do total mundial em 2006.

Gráfico 26: Total de heroína apreendida nos Países do Oeste Africano em 2006



Fonte: Base de Dados de Apreensões Individuais do UNODC

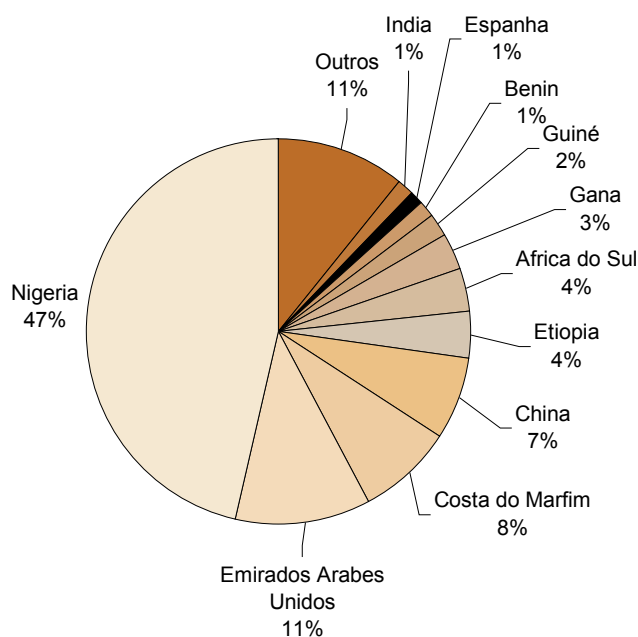
Assim como se notou acima, com a cocaína, as redes de criminalidade organizada do Oeste Africano são essenciais para a distribuição de heroína em países ao redor do mundo, estando envolvidos tanto na importação como no negócio de rua. Entre os nacionais de países do Oeste Africano, os Nigorianos dominam o tráfico transnacional de heroína e são responsáveis por 81% das 2,4 toneladas de heroína apreendidas a Oeste-africanos desde 2000, baseado em incidentes registados na base de dados de Apreensões Individuais de Droga (IDS) da UNODC. Além disso, quase metade destas 2,4 toneladas estavam destinadas para a Nigéria, e 61% para a África Ocidental em geral (Figura). A dado momento, a Costa do Marfim foi considerado um importante país de trânsito para a heroína, mas a sua utilização parece ter diminuído até este ano, quando o aumento foi novamente detectado.

Pelo menos 600 cidadãos nigerianos foram detidos no Paquistão, na posse de mais de 100 gramas de heroína desde 2000, com base nos incidentes registados no IDS. Em quase dois terços destes incidentes, o suspeito foi detido em um vôo comercial com destino à Nigéria. Para além da África Ocidental, a China e os Emirados Árabes eram destinos populares para estes correios.

No entanto, desde 2000, menos de 300 incidentes com correios de heroína nigerianos para outras partes do mundo foram registrados na base de dados do IDS, sugerindo que ou foram utilizados traficantes de outra nacionalidades, ou as drogas foram traficadas a partir da Nigéria por outros meios que não vôos comerciais aéreos. Permanece por esclarecer o destino da heroína traficada para a Nigéria ou quem a leva.

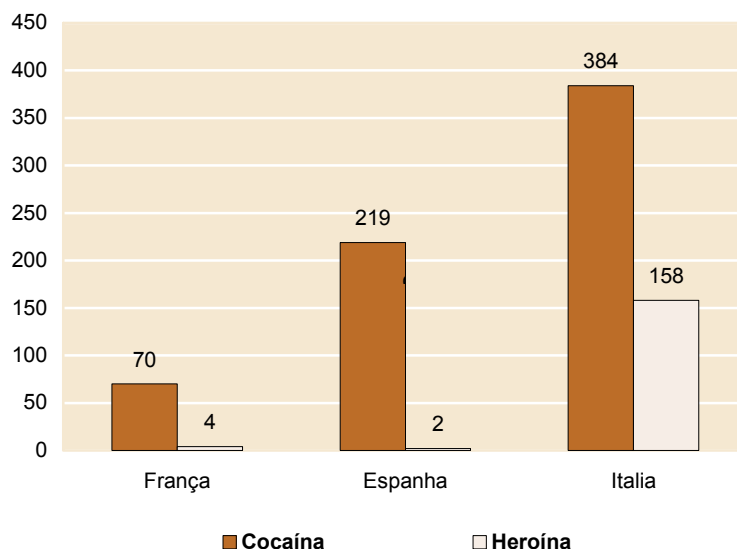
Em 2007, o governo dos Estados Unidos considerou a Nigéria em particular e a África Ocidental em geral, como uma área de trânsito de heroína estratégica para os EUA, mas o governo federal apenas deteve 10 nigerianos por tráfico de heroína naquele ano. Em Outubro de 2007, as autoridades do Gana prenderam dois Afegãos, Nasrullah Safiullah, e Mohammed Ashraf Mohammed Omar, alegando que estavam a conspirar para importar 100 quilos de heroína para reexportação para os EUA.

Gráfico 27: Destino da heroína apreendida com os nacionais do Oeste Africano, 2000-2007



Fonte: Base de Dados de Apreensões Individuais da UNODC

Nos países consumidores, os oeste-africanos têm sido tão importantes nos mercados de heroína, como são nos mercados de cocaína, mas eles parecem estar mais inclinados em direcção a este último, em resposta à crescente procura. É claro que os Traficantes podem vender ambas as drogas. No final, a vantagem competitiva dos nigerianos nos mercados de heroína na Europa pode ser bastante magro, em comparação com os mercados de cocaína, e assim o tráfico de heroína através da região representa uma menor ameaça para a segurança do que o tráfico de cocaína.

Gráfico 28: Número de cidadãos Nigerianos detidos pelo tráfico de cocaína e heroína em 2006

Cannabis

A cannabis é geralmente considerada como a mais problemática das drogas para os povos da África, onde um número estimado de 8% da população consumiu cannabis em 2006 e onde a cannabis é responsável por um número estimado de 64% da demanda de tratamento de drogas ilícitas¹⁹. O Gana apresentou a segunda maior prevalência de consumo adulto anual de cocaína relatada: 22% em 1998. Existem muito poucas regiões do mundo onde quase um quarto da população adulta consome anualmente uma substância ilícita.

Cannabis é também a única grande droga de abuso cultivada na África Ocidental, com produção regional estimada em cerca de 3500 toneladas.²⁰ Se isto fosse vendido a preço normal dos US\$ 0.17/g,²¹ seria equivalente a pouco menos de E.U. \$ 600 milhões. Este é o preço a varejo, como é evidente, mas inputs seriam mínimos e a mão-de-obra barata. À primeira vista, este parece ser um formidável mercado ilícito.

Uma análise mais atenta sugere que o problema é menos grave do que estes números sugerem. Dados sobre o cultivo, os preços e uso na África Ocidental são muito ténues, de forma que estes valores devem ser interpretados com cautela. Os dados sobre o uso em muitos casos têm mais de 10 anos. Dados de preços são problemáticos para qualquer droga, mesmo quando recolhida através de sofisticados sistemas de vigilância, e a cannabis, que não é um produto homogêneo e é geralmente vendida por volume e não por peso, não são particularmente fiáveis. Até mesmo o governo dos Estados Unidos evita dar uma estimativa do cultivo doméstico de cannabis, devido às dificuldades metodológicas envolvidas na localização de uma droga que pode ser cultivada em qualquer lugar, e os Estados do Oeste Africano têm consideravelmente menos capacidade de fazer uma boa previsão. O cultivo de Cannabis na Nigéria, por exemplo, foi exagerado por autoridades de fora, no passado.

¹⁹ Com base na média não ponderada dos valores de procura de tratamento por 41 países Africanos 1994-2006. Ver Relatório Mundial sobre a Droga 2008.

²⁰ UNODC estima que a produção mundial de cannabis herbácea foi de 42000 toneladas em 2005. África sozinha representou 10.500 toneladas, ou 25 por cento do total e a África Ocidental sozinha representava 3500 toneladas métricas. Para 2006, as informações são ainda parciais, mas os volumes devem permanecer estáveis.

²¹ Com base em preços retalhistas para a cannabis herbácea fornecidos por 6 países Africanos ocidentais através do Questionário de Relatório Anual de 2006, o preço normal de cannabis é estimado em E.U.\$ 0,17 / g para 2006.

Além disso, o mercado parece ser altamente descentralizado, com muitos pequenos jogadores a cultivar e distribuir. Isto difunde os lucros, impedindo qualquer grupo único de adquirir influência desproporcionada. É difícil para o crime organizado monopolizar uma droga que qualquer pessoa pode plantar no seu quintal. Isto também mantém os mercados competitivos e lucros baixos, reduzindo os incentivos à violência. Embora a droga permaneça problemática a partir de uma perspectiva de saúde pública, ela não representa o tipo de ameaça à segurança colocada pela cocaína e heroína.

Apesar disso, houve acusações de que a agricultura organizada de cannabis é uma fonte de financiamento para os grupos insurgentes, em especial o Movimento das Forças Democráticas de Casamança (MFDC), embora a sua importância relativa tem sido discutida entre os especialistas. Foi alegado que a Frente Patriótica Nacional da Libéria para a Libéria trocava armas por cannabis do MFDC. Mas o cannabis senegalês não comanda nenhum mercado fora da região, por isso o seu valor para os traficantes de armas é limitado.

Na verdade, parece que a grande maioria da produção de cannabis da África Ocidental é consumida na região. Com pouquíssimas exceções, os países fora da África Ocidental não citam a região como uma fonte importante de abastecimento de cannabis.²² A cannabis desta região não tem uma notável reputação internacional, ao contrário das da África Austral e Oriental. Novamente, a falta de um mercado transcontinental reduz possibilidades e assim os riscos associados com o comércio.

Existe um produto de cannabis Africano que têm um mercado internacional: haxixe cultivado no Marrocos. No passado, a grande maioria do haxixe consumido na Europa, foi produzido em Marrocos, mas isto pode estar a mudar. Embora os dados nesta área estejam longe de estar completos, parece que o haxixe marroquino possa estar a perder quota de mercado, devido à concorrência do indoor cannabis produzidos domesticamente. Indoor cannabis é baseado em sementes estoque criados ao longo das décadas de potência máxima e é cultivada em condições ideais, recorrendo muitas vezes a técnicas non-soil (hidropônica). Rendimento da droga por unidade de área também é muito alto para os modernos cannabis indoor, especialmente em comparação com plantas cultivadas de haxixe. Enquanto os fumadores de *hash* podem ser lentos a mudar as suas formas, a longo prazo será provavelmente mais difícil de racionalizar a despesa de um medicamento importado menos potente.

Inquéritos da cultura de cannabis marroquino realizados entre 2003 e 2005 mostraram uma redução acentuada nas terras dedicadas à cultura e ao rendimento líquido, devido a uma combinação de condições meteorológicas desfavoráveis e de erradicação. Este declínio da oferta estava ocorrendo exactamente ao mesmo tempo em que a cannabis hidropônica estava em rápida expansão na Europa. Além disso, a produção de haxixe no Afeganistão tem aumentado rapidamente nos últimos anos, em paralelo à expansão de produção de ópio. Os produtores de Haxixe marroquino podem estar à procura de novos mercados para seus produtos, e a África Ocidental pode ser uma zona de trânsito tentadora.

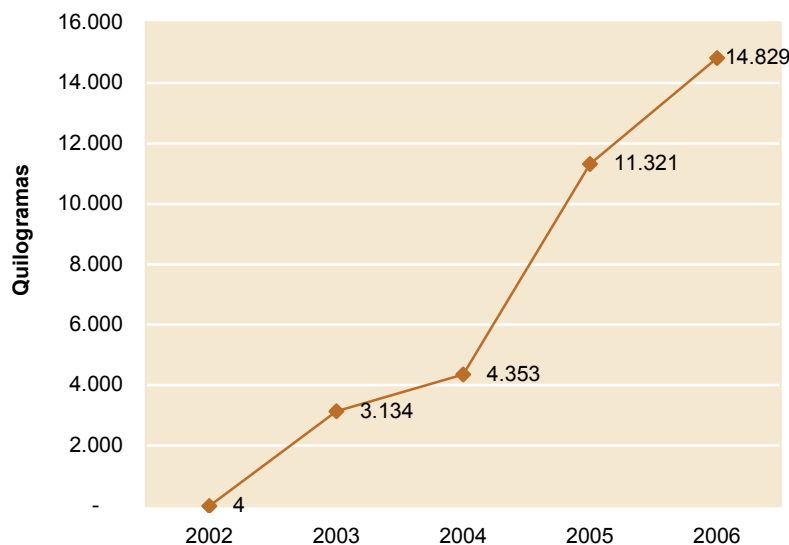
Já ocorreram estranhas apreensões de haxixe feitas em áreas da África Ocidental não geralmente consideradas como rotas de trânsito. No Mali, 750 kg foram interceptados pelas autoridades aduaneiras na região Norte cerca de 200 km de distância de Kidal, no início de Janeiro de 2008. No Níger, uma sequência de cinco apreensões num total de perto de seis mil toneladas de haxixe foram feitas entre Abril 2006 e Abril de 2007, na parte norte do país, uma área remota de deserto não na rota de qualquer fonte conhecida a qualquer destino conhecido. O Exército do Níger fez estas apreensões, e encontrou grande resistência por parte de uma organização profissional. Os traficantes utilizaram um comboio de três a cinco novos veículos quatro rodas (alegadamente

²² Em 2003, a polícia alemã apreendeu 2,7 toneladas de resina de cannabis com dita origem no Senegal, em um motor home, em Hamburgo. O seu destino final dizia-se ser a Holanda. Ver Bundeskriminalamt, Relatório Anual de Droga 2003, fevereiro de 2004, p. 7. O país também tem sido a fonte de um número significativo de apreensões de resina de origem desconhecida destinados à Bélgica. A resina é tipicamente escondida em veículos como os dos campistas e caminhões. No entanto, foi apreendida resina e entrar no Senegal a partir de Marrocos e Afeganistão, portanto, não está claro quanto deste é produzido no país e quanto se encontra simplesmente em trânsito.

comprados na Argélia), com armamento militar. Os telefones satélite apreendidos indicavam conexões com Marrocos, Argélia, Mauritânia, Mali, Líbia e Egito.

A explicação mais provável é que o haxixe era de Marrocos com destino ao Egito, para redistribuição para os mercados do Oriente Médio. Em 2007, as autoridades israelitas observaram o tráfico de haxixe marroquino do Egito para o seu país. O grosso do valor das transferências apreendidas no Egito teriam sido EUA \$ 7,4 milhões, uma soma que poderia justificar transporem o comprimento e largura do Deserto do Sahara. Crescentes apreensões de Cannabis no Norte da África sugerem que a rota litoral também foi tentada, mas pode ser ainda mais perigosa.

Gráfico 29: Apreensões de Hashish na Libya em kilogramas



Fonte: Base de Dados Delta

Apesar de tudo isto, o impacto desestabilizador do haxixe marroquino é susceptível de ser limitado. Em peso, a cocaína vale pelo menos 30 vezes mais do que o haxixe no Egito, assim como em qualquer lugar do mundo. Embora o correio aéreo de haxixe seja bastante comum, é tanto mais provável de ser detectada e os lucros mais baixos do que o correio de cocaína ou heroína. Recentes testes forenses de haxixe no Reino Unido, a maioria das quais é importada de Marrocos, encontraram níveis médios de THC de 5%,²³ o que não seria muito melhor do que a cannabis herbácea cultivada localmente na maior parte do mundo.

Qual é a maior ameaça?

Para a maior parte de efeitos e objectivos, não interessa realmente qual substância é a mais perigosa, porque muitas das intervenções necessárias para solucionar um abordaria todos. A África Ocidental permanecerá vulnerável a todas as formas de tráfico, enquanto o Estado de Direito continuar fraco na região. O que se aplica à cocaína se aplica a outras substâncias, assim como às armas de fogo, aspirantes a migrantes, bens roubados, e todo o tipo de contrabando.

Recentemente, tem havido um certo número de apreensões na África do Sul de cristal metanfetaminas, expedido a partir de Lagos, na Nigéria. Tem havido explosão do uso de cristal metanfetaminas na África do Sul desde 2003. Mais de 40% dos internamentos para tratamento da toxico dependência na província do Cabo Ocidental, nos últimos anos são de metanfetaminas, e as pesquisas nas comunidades mais afectadas sugerem que um quinto dos adultos do sexo masculino

²³ Hardwick, S and L King, *Home Office Cannabis Potency Study 2008*. London: Home Office Scientific Development Branch, 2008.

já experimentou a droga. Tal como se referiu acima, os nacionais nigerianos dominam o mercado Sul-africano de cocaína e heroína. Metanfetamina é fácil de fabricar dado acesso aos precursores químicos, por isso não seria surpreendente se a África Ocidental estivesse a emergir como um centro de produção para esta e outras drogas sintéticas no futuro.

Mas enquanto as drogas sintéticas, heroína e haxixe permanecem questões a serem monitoradas, a substância do dia é a cocaína. como será discutido na secção seguinte, nenhuma outra droga pode aproximar a sua rentabilidade, de modo que os limites a que os traficantes estão dispostos a transpor para proteger as suas rotas são muito superiores. mais lucros significam mais influência corrupta, maior potencial para a violência, e maior risco de que o mercado da droga venha sobrepor as actividades comerciais lícitas.

IMPACTO NA SEGURANÇA

Pode parecer hiperbólico falar do narcotráfico como uma ameaça à segurança nacional. Embora o aumento do consumo de drogas e a corrupção local inegavelmente minem o Estado, seria difícil imaginar criminosos organizados a conspirar para derrubar um governo, ou de tornar fracções de um país soberano ingovernáveis. Afinal, traficantes de drogas eficazes tendem a “voar sob o radar”, e em geral não é dos seus interesses comerciais mexer com a política.

Mas a África Ocidental, apesar da crescente estabilidade em muitas áreas, continua a ser uma das poucas áreas do mundo onde os governos poderiam ser ameaçados por interesses privados com recursos moderados. Os golpes passados foram executados com sucesso por pequenos grupos de figuras improváveis.²⁴ Insurreições bem sucedidas na região foram lideradas por homens iletrados, adolescentes e na casa dos 20, comandando batalhões de crianças cuja formação militar é baseada em filmes como Rambo. Essas forças foram facilmente encaminhadas mesmo quando confrontadas com a menor oposição disciplinada,²⁵ sugerindo que não é preciso muito para desprezar a autoridade estatal em alguns países.

Uma fâsca que incendeia

Enquanto a maioria dos países da região tornaram-se mais estáveis desde os conflitos dos anos 1990, outros não. Naturalmente, é altamente improvável que um cartel de cocaína estrangeiro tentasse directamente derrubar um governo, porém, o mesmo não se pode dizer dos dissidentes locais habilitados com a riqueza da droga. Menos ambiciosa, mas mais provavelmente, forças rebeldes/criminais existentes poderiam tornar ingovernáveis territórios de importância estratégica para os seus interesses, ou co-optar funcionários-chave nas forças de segurança e no governo local. O fundamental é que o tráfico de cocaína acrescenta fâsca numa situação já altamente inflamável, e as implicações de segurança são reais.

A vulnerabilidade da região – tanto no que diz respeito as violentas mudanças de governo quanto com relação ao tráfico de drogas – está enraizada no estado de direito débil. Existem pelo menos dois aspectos para esta deficiência. Um deles é a falta de capacidade encontrada em países devastados pela guerra, onde a base tributária é mínima e a esperança de vida ronda os 40 anos. O segundo aspecto é a corrupção, que floresce em um ambiente onde os incentivos para a obediência à lei são escassos e a probabilidade de detecção é mínima.

A falta de capacidade do Estado tem origem na pobreza da região. Hoje, a África Ocidental é provavelmente a região mais pobre do mundo. Com exceção de três países, todos os 15 membros da CEDEAO estão na lista dos "países menos desenvolvidos",²⁶ das Nações Unidas, incluindo os cinco países com os níveis mais baixos de desenvolvimento humano no mundo: Mali, Níger, Guiné-Bissau, Burkina Faso, e Serra Leoa²⁷. A Libéria, destruída pela guerra, não está incluída

²⁴ Por exemplo, Samuel Doe era um Sargento mestre de 29 anos com uma educação escolar primária quando, em 1980, com uma força de 17 homens alistados, ele assassinou o Presidente liberiano William Tolbert, executou o seu gabinete, e assumiu o poder por uma década. Valentine Strasser tinha ?????? anos e era soldado quando ele e os outros seis soldados derrubaram o Presidente de Serra Leoa Joseph Momoh em 1992. Ele foi deposto quatro anos mais tarde e fugiu para Londres. Depois de não ter conseguido assegurar sequer uma educação superior ou um emprego, ele foi deportado para a África Ocidental, e atualmente vive com sua mãe em Freetown.

²⁵ Por exemplo, com uma força estimada de 150 homens, Executive Outcomes foi capaz de tomar as áreas produtoras de diamante de Serra Leoa a partir da RUF, uma tarefa que os militares nacionais tinham alegadamente sido incapazes de fazer. Mais recentemente, mas para mais longe, o golpe de 2004 na Guiné Equatorial foi aparentemente concebido para ser executado usando menos de 100 tropas mercenárias.

²⁶ <http://www.un.org/special-rep/ohrls/ldc/list.htm>

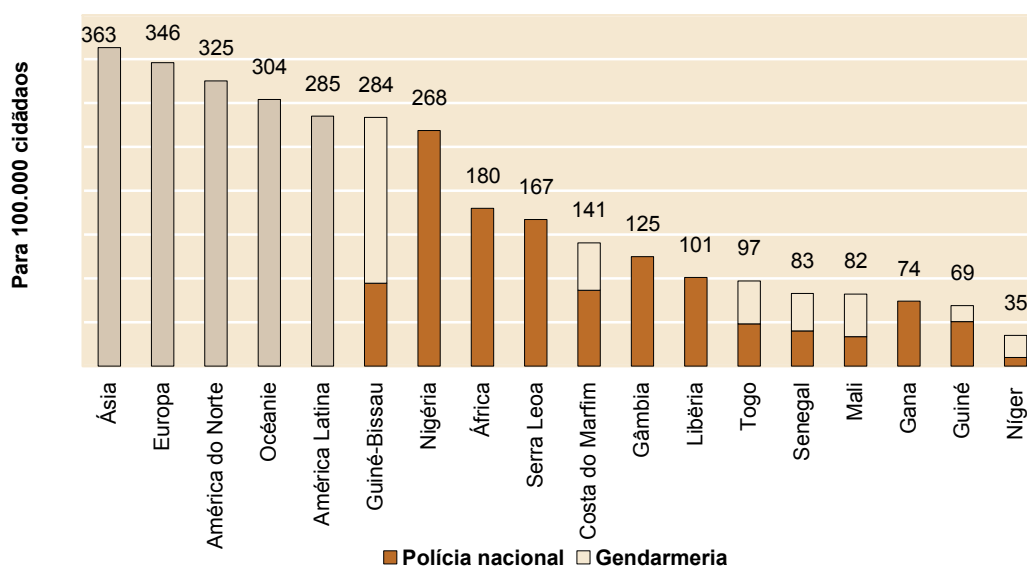
²⁷ Relatório do Desenvolvimento Humano do PNUD de 2008. Isto é tanto mais notável dado que o HIV apresenta taxas relativamente baixas para as normas Africanas. Esperança de vida engloba um dos três indicadores combinados para se criar o IDH, vida e esperança na África Austral e diminuiu drasticamente devido à epidemia do HIV. Ainda assim, países do Oeste Africano deixaram para trás os seus homólogos para o sul em tantos outros aspectos a permanecer na parte inferior do ranking do PNUD.

no ranking do PNUD, devido à falta de dados. Porém, termos de rendimento per capita, o país é ainda mais pobre do que os outros.

Devido à falta de recursos básicos, muitos Estados do Oeste Africano carecem de um sistema de justiça criminal em funcionamento para responder tanto ao problema do narcotráfico quanto ao da corrupção oficial. A Guiné-Bissau, por exemplo, não dispõe sequer de uma prisão em que se possam deter os presos condenados – a antiga foi destruída em uma violência política, e o país não tem sido capaz de se dar ao luxo de substituí-la. Ironicamente, a Guiné-Bissau tem um dos melhores policiais de rácios públicos, bem como a maior força de segurança geral per capita na África Ocidental.²⁸ Este é um legado da relativamente recente luta de libertação, recente guerra civil, e das preocupações do governo em atingir a reforma militar num país que permanece instável.²⁹ Para o policiamento do país, a Guiné-Bissau tinha cerca de 3000 gendarmes no âmbito do Ministério da Defesa para as zonas rurais, e 1500 policiais no âmbito do Ministério do Interior em 2006. O total de cerca de 4500 pessoas dá um rácio de 284 elementos das forças policiais por 100,000 cidadãos.³⁰ A polícia judiciária encarregada do controle da droga, porém, tem apenas 60 agentes e um único veículo,³¹ que, muitas vezes não tem combustível para ser utilizado.

A Nigéria também tem uma grande força policial nacional para as normas Africanas, mas outros países não se ajustam tão bem. Mesmo Gana, um dos países mais desenvolvidos da região, tem em campo apenas 74 agentes da polícia por 100,000 habitantes, com um país pobre como o Níger tendo menos de metade disto. Em muitos países, grande parte da polícia é composta por oficiais que podem desempenhar um papel no controle das fronteiras, mas que não são rotineiramente atribuídos às investigações em matéria de narcóticos.

Gráfico 30: Polícia por 100.000 habitantes



Fonte: Autoridades nacionais e Avaliação de Segurança Jane Sentinel

²⁸ O rácio de tropas para a população entre 1999 e 2004 foi de 10 vezes o rácio médio da CEDEAO para a região. Veja Jane's Sentinel Avaliação de Segurança, Guiné-Bissau: Forças de Segurança e das Relações Exteriores. Londres: Jane's, 3 de Agosto de 2007.

²⁹ No final da guerra civil de 1999, registraram-se 17.000 militares e agentes policiais fardados na Guiné-Bissau. O orçamento militar para a Guiné-Bissau ascendeu a (o que EU significa? Euro?) E.U. \$ 7,5 milhões em 2003, com a maioria dos soldados a receber apenas E.U. \$ 400 por ano. Entre 2003 e 2005, o exército desmobilizou 7782 pessoas e um censo militar registou 5100 funcionários em tempo integral no serviço activo, em maio de 2005. Relativamente à dimensão da sua população, o país continua no entanto um dos mais militarizados na África Ocidental.

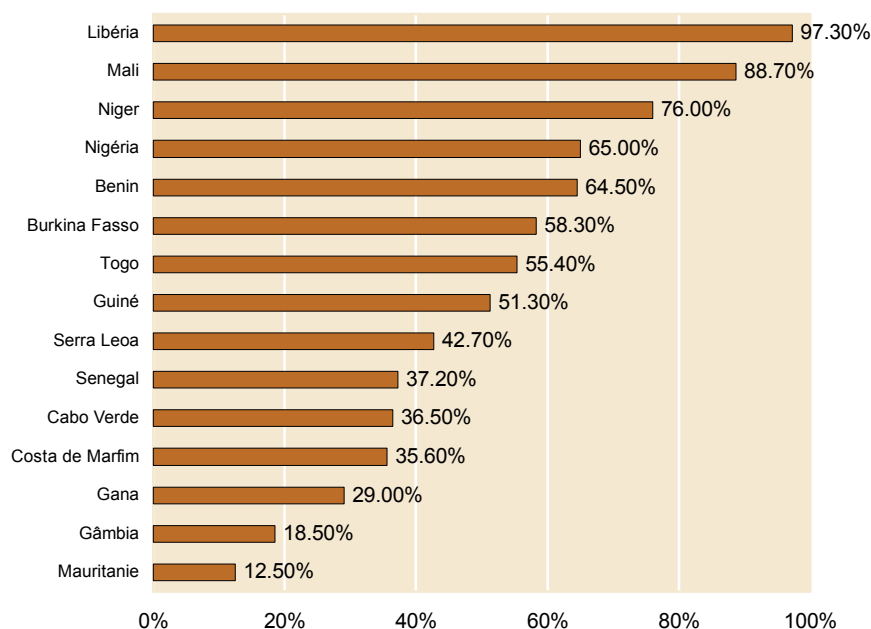
³⁰ Os gendarmes têm no entanto um mau registo disciplinar e há planos para reduzir os seus efectivos de pessoal em 1200 o plano de reforma do sector da segurança 2007-2009. Isto fará o rácio policial baixar para cerca de 190 pessoas por 100000 cidadãos, que ainda estarão entre os mais elevados na África Ocidental.

³¹ Vincent, L. *Guinea-Bissau: Cocaine and coups haunt gagged nation*. Paris: Reporters Sans Frontieres, November 2007, p. 4.

Esta deficiência é vista em outros sectores do sistema de justiça criminal. Existem poucos dados padrões disponíveis sobre o pessoal de justiça para estes países, mas relatos nacionais e anedóticos confirmam o que seria de se esperar –, existe uma escassez de pessoal altamente qualificado necessário para assumir os cargos de procuradores e juizes, e uma escassez de fundos para conservá-los. Isto torna os funcionários judiciais especialmente vulneráveis à corrupção. Enfrentar grandes cargas de casos, salários pobres e difíceis condições de trabalho, faz com que alguns dos magistrados locais se sintam atraídos a cooperar com os traficantes de drogas. Os magistrados que permanecem honestos podem ser evitados através de pagamentos aos escriturários responsáveis pela atribuição de casos, e a supervisão judicial é difícil de ser mantida em países que mal podem sustentar os próprios juizes. Além disso, nos últimos anos têm ocorrido, no Oeste Africano, muitos casos relativos ao tráfico de drogas cujas decisões judiciais são questionáveis.

Falta de capacidade judicial resulta em um processo de justiça extremamente lento. Na maioria dos países, mais de metade da população presa está a aguardar julgamento. Na Libéria, o número é de mais de 97%, indicativo de um sistema judicial destruído. Nestes países, ser acusado é ser condenado. Para todos os efeitos, o sistema de julgamento tornou-se supérfluo.

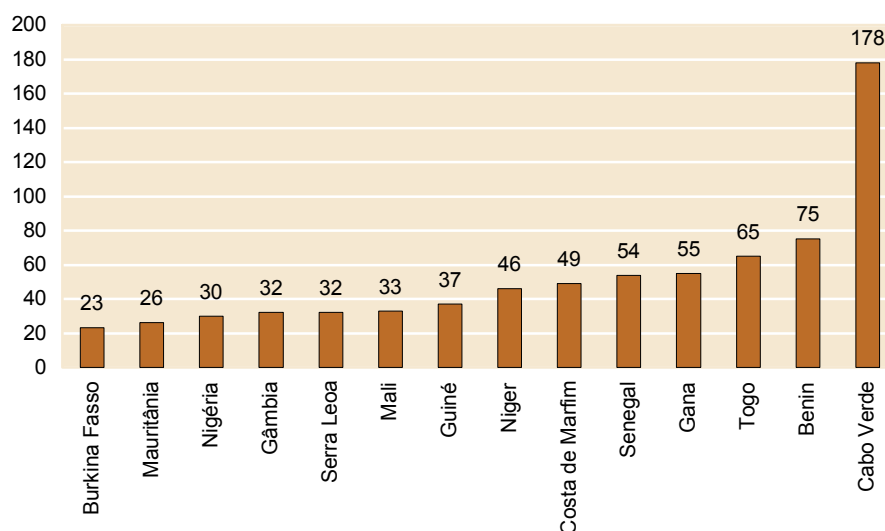
Gráfico 31: Percentagem da população prisional não condenada



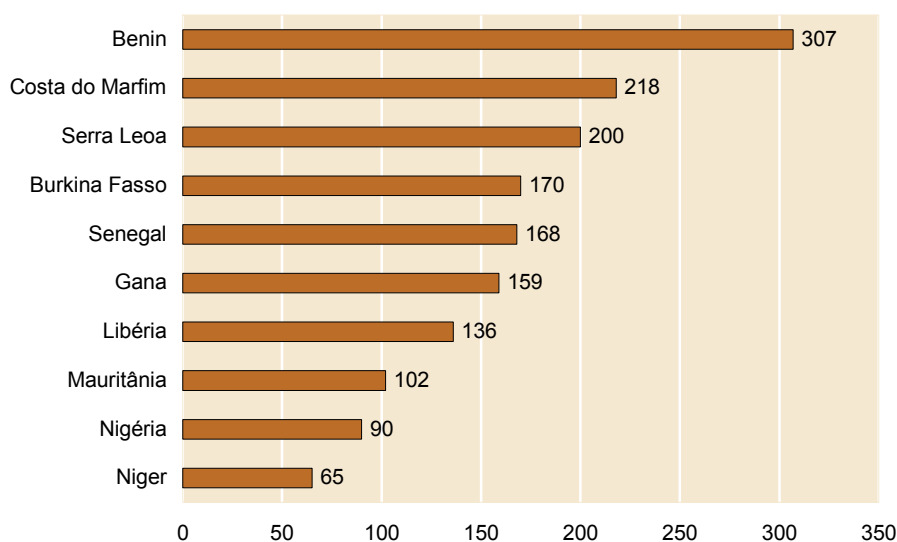
Fonte: Centro Internacional de Estudos Prisionais³²

Um resultado ligeiramente positivo de uma justiça criminal com capacidade pobre é um fardo leve de correcções – na maioria dos países desta região albergam-se relativamente poucos presos per capita. Infelizmente, mesmo estes números modestos de prisioneiros excedem as capacidades de muitas prisões Africanas, a maioria das quais encontram-se seriamente superlotadas. Estas condições tornam impossível o verdadeiro trabalho de reabilitação.:

³² Walmsley, R., *World Pre-trial / Remand Imprisonment List*. London: Kings College London.

Gráfico 32: Prisioneiros por 100,000 habitantes

Fonte: Centro Internacional de Estudos Prisionais³³

Gráfico 33: Escala de Ocupação (Quota da capacidade prisional preenchida)

Fonte: Centro Internacional de Estudos Prisionais³⁴

Como resultado de todas estas deficiências, os países do Oeste Africano estão confrontados com um dilema. Mesmo assumindo a capacidade e a vontade de prender traficantes de drogas, não haveria, em muitos países, capacidade de submetê-los a julgamento e de os prender. Não ajuda nada o facto de, em muitos casos, alguns altos funcionários de segurança aparentemente estarem a trabalhar para o outro lado.

³³ Walmsley, R., *World Prison Population List Seventh Edition*. London: Kings College London.

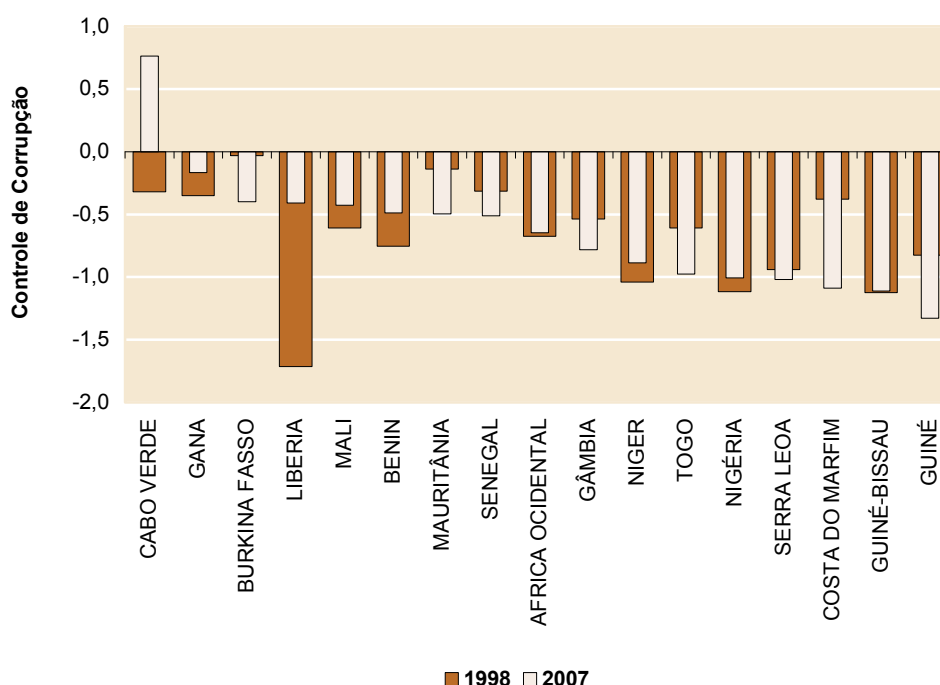
³⁴ <http://www.kcl.ac.uk/depsta/law/research/icps/worldbrief/?search=africa&x=Africa>

Mesmo os melhores recursos do aparelho de justiça criminal podem ter se tornado inúteis pela corrupção. Nas nações corruptas, os traficantes não precisam de ser dissimulados ou espertos – eles só precisam ter boas conexões. O cenário ideal para o tráfico seria uma sociedade bem desenvolvida e estável, com um sector de segurança poderoso, mas absolutamente corrupto.

Há uma série de instrumentos internacionais que tentam medir a corrupção, e os países do Oeste Africano são tipicamente retratados como sendo especialmente vulneráveis. Sondagens na Nigéria e no Senegal em 2007 indicavam que cerca de 40% da população tinha pago um suborno nesse ano para obter serviços dos seus governos³⁵. No mesmo inquérito, Gana e a Nigéria classificaram a polícia como o sector da sociedade mais corrupto, enquanto que no Senegal esta ficou em segundo lugar muito perto dos partidos políticos.³⁶

Com excepção de Cabo Verde, que viu uma reviravolta entre 1998 e 2007, todos os países da região pontuaram abaixo da média mundial em termos de controle da corrupção. Em países como Gana, as coisas parecem estar a melhorar, mas em países como Serra Leoa, Costa do Marfim e Togo, a situação piorou na última década.

Gráfico 34: Controle da Corrupção nos Países do Oeste Africano (0 = média mundial)



Fonte: Banco Mundial, *Indicadores de Governancia 2007*

A capacidade dos traficantes de drogas de abastecer esta corrupção está ligada à quantidade de dinheiro que estão a fazer. A secção seguinte analisa o dinheiro que pode estar disponível para combater ou subverter as forças policiais locais.

Medindo o problema da Cocaína

A gravidade da ameaça para a estabilidade da África Ocidental está contingente, em parte, no valor das drogas que passam pela região. Se a quantidade de dinheiro em jogo, fosse trivial, poucos recursos seriam gastos para garantir a sua passagem segura, o que significa menos dinheiro para criminosos predatórios, funcionários corruptos, e grupos insurgentes. Quanto menores os riscos, menor a probabilidade de alguém matar para protegê-los. Por outro lado, dado o desespero

³⁵ Transparency International, *Global Corruption Barometer 2007*. Berlin: Transparency International, 2008, p. 21.

³⁶ Ibid, p. 22.

econômico de muitos moradores locais, o valor necessário para levar a violência pode ser menor que em outras partes do mundo.

A Europa consome uma grande e crescente quantidade de cocaína. Segundo as estimativas do ONUDC, cerca de quatro milhões de pessoas usaram cocaína na Europa em 2006 e, em média, estima-se que consumidores de droga usem cerca de 36 gramas de cocaína por ano. Com base nestes valores, os consumidores de cocaína europeus teriam de importar um total de cerca de 146 toneladas de cocaína da América do Sul por ano.

Qual parte deste fluxo transita na África Ocidental? Uma forma de responder a esta pergunta é olhar para as grandes apreensões de cocaína feitas, onde a fonte da droga era conhecida. Em 2006, o governo da Espanha (que é o ponto principal de entrada de cocaína na Europa e lidera na Europa no que diz respeito a apreensões de cocaína) forneceu ao UNODC informações de 900 apreensões de cocaína em todas as fontes, totalizando 33,5 mil toneladas. Dessas apreensões, os dados sobre a origem ou as rotas de trânsito da mercadoria pode ser estabelecido para 892 apreensões, totalizando 27 toneladas de cocaína,³⁷ o equivalente a 49% do volume de cocaína apreendida em toda Espanha. Cerca de 29% deste volume transitou pela África. Olhando para os dados similares de outros países (França, Alemanha, Bélgica, Itália), é possível estimar que cerca de 27% da cocaína que entrou na Europa em 2006 tenha transitado pela África.³⁸

Vinte e sete por cento das 146 toneladas de fornecimento de cocaína na Europa são de 40 toneladas. Com um valor médio a grosso de US\$ 46,700 na Europa, o valor dessas 40 toneladas aos importadores seria US\$ 1.8 bilhões.

Isto não quer dizer que traficantes de cocaína possam facilmente ter à sua disposição o valor total do mercado. Na verdade, a parte deste valor total a grosso que reverte para os traficantes de cocaína não se encontra esclarecida, mas estudos dos livros apreendidos com traficantes nas investigações policiais, no hemisfério ocidental sugerem uma margem de lucro de 25% sobre o preço a grosso, que, neste caso, representaria US\$ 450 milhões por ano. Os lucros seriam ainda maiores se os traficantes de droga vendessem directamente aos consumidores (retalho), como fazem algumas redes do Oeste Africano.

Quinhentos milhões de dólares por ano é muito dinheiro na África Ocidental, superando o PIB de países como a Libéria e Guiné-Bissau. O orçamento de 2007 para a formação da polícia na Nigéria, sem dúvida o maior da região, foi de pouco mais de E.U. \$ 800 milhões.³⁹ Em teoria, os traficantes de cocaína podem acumular recursos suficientes para enfrentar qualquer agência da lei na região. Mas provavelmente, eles não terão que fazer isso: Os seus parceiros Oeste-Africanos vão subornar e intimidar abrindo um caminho claro para a região através de uma soma relativamente menor. Isto, naturalmente, é a principal razão pela qual a região é atraente como zona de trânsito.

Segurança económica

Além da possibilidade de alguns dos quinhentos milhões de dólares em lucros irem para grupos com o objectivo de prejudicar o Estado, o Estado de direito pode ser igualmente afectado por efeitos secundários corrosivos que poderão revelar-se igualmente eficazes em gerar instabilidade tal como o impacto do tráfico da droga nas economias destes países.

As economias da África Ocidental são frágeis porque, à excepção da Nigéria, são geralmente muito pequenas, algumas com o PIB comparável ao valor da quantidade de toda a cocaína que transita pela região. Elas tendem igualmente a ser dependentes das mercadorias manufacturadas importadas, que elas financiam pela venda de productos de primeira necessidade ou através da extração de produtos agrícolas de base. Enquanto que os produtos variam de um país a outro, a

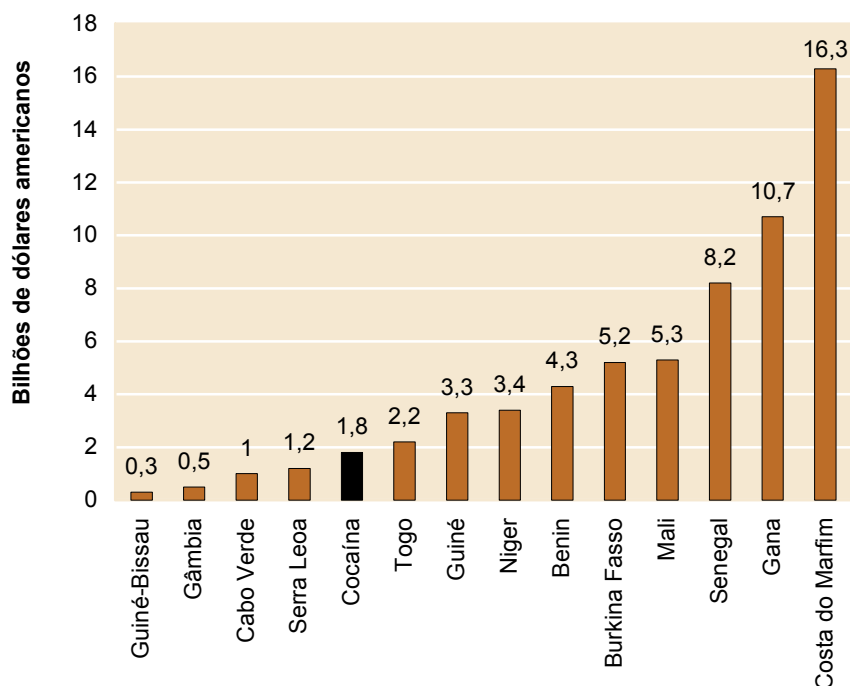
³⁷ Informações sobre a origem da mercadoria está em falta para duas grandes apreensões marítimas, uma de 2 toneladas e um outro de 3 toneladas

³⁸ Por exemplo, em 2007, o governo belga disse que 30% da sua cocaína vinha da África Ocidental, e 70% directamente da América do Sul, o que corresponde exactamente à parte, que disseram ter recebido, por via aérea (30%) e marítimo (70%)

³⁹ <http://www.budgetoffice.gov.ng/PDF/2007budget.pdf>

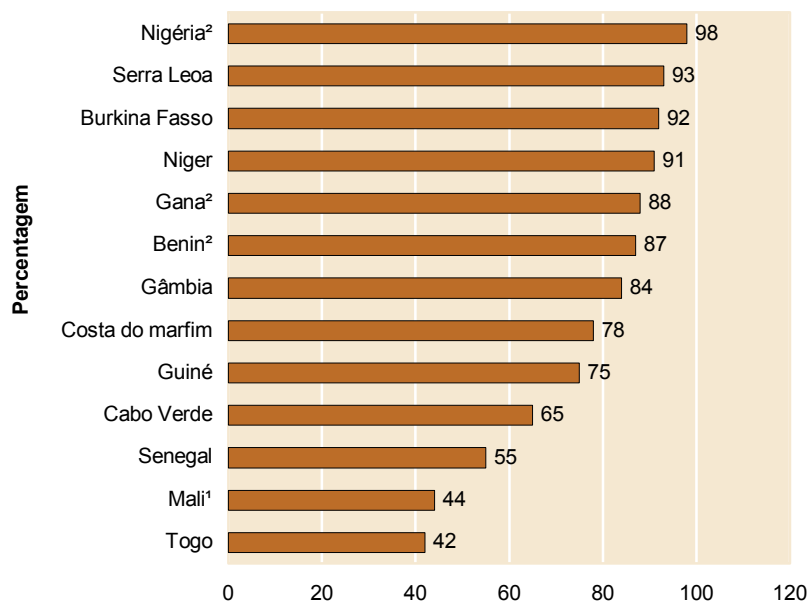
maior parte das economias da África Ocidental estão centradas sobre um número limitado de exportações, expondo-as muito facilmente aos choques baseados em preços de mercado ou em condições meteorológicas globais.

Gráfico 35: PIB dos países da África Ocidental em 2005 (excepto a Nigéria) estimado em relação ao valor da quantidade total de cocaína que transita pela região para a Europa



Fonte: PNUD e ONUDC

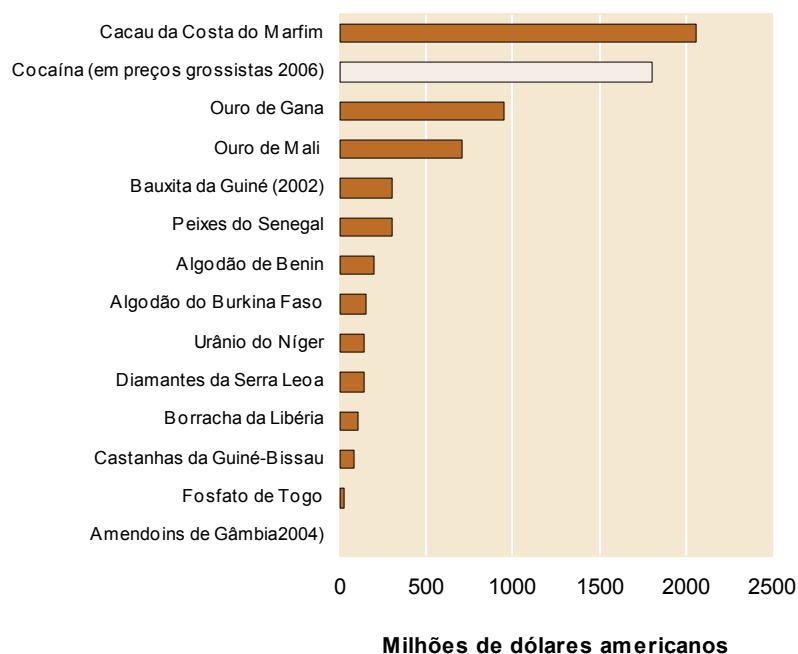
Enquanto o impacto económico do comércio de cocaína na região pode ser geralmente limitado como um todo, os estimados dois bilhões dólares em exportações de cocaína são grandes em proporção às outras fontes de renda estrangeira na região para alguns dos pequenos países. O menor peso econômico deste fluxo poderia criar um "efeito de doença holandesa" no qual outras formas de actividade comercial ficam menos atraentes que o tráfico de drogas. Em países como a Guiné Bissau onde a actividade comercial maior é a exportação de caju para a Índia, o tráfico de drogas e serviços prestados aos narcotraficantes pode gerar mais dinheiro e trabalhos do que qualquer outra actividade na economia legal. Por que aborrecer a exportação de cajus quando os prospectos de rendimento aparecem de longe maiores no provimento de segurança a barões de cocaína?

Gráfico 36: Exportação de Artigo primário como parte de toda a mercadoria exportada, por país

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano 2008

Nota: 1 - Um ou mais dos componentes de exportações primárias faltam

2 - Dados referem-se ao ano disponível mais próximo entre 1988 e 1992.

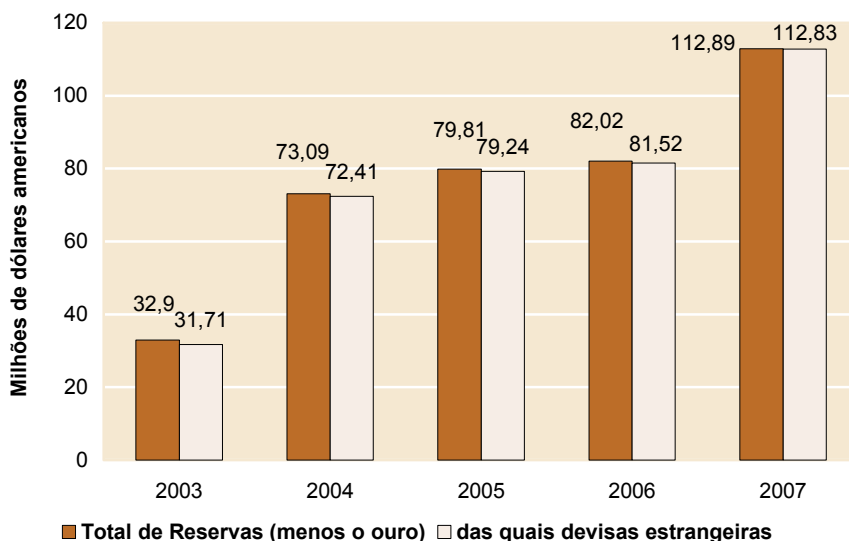
Gráfico 37: Valor total do grosso de cocaína que transita na Africa Ocidental em relação ao valor dos principais produtos de exportação em 2005

Fonte: Unidade de dados sobre Inteligência económica; ONUDC

Se quantias grandes de dinheiro da droga tiverem fluído na região durante os últimos anos, isso poderia ser detectado nas estatísticas macroeconómicas de algumas das economias de pequena escala. Por exemplo, reservas estrangeiras na Guiné-Bissau aumentaram substancialmente nos

últimos anos, de US\$33 milhões em 2003 de US\$113 milhões em 2007. parte disto pode ser explicado pela ajuda ao desenvolvimento da indústria de bauxita, mas é improvável que tudo o seja.

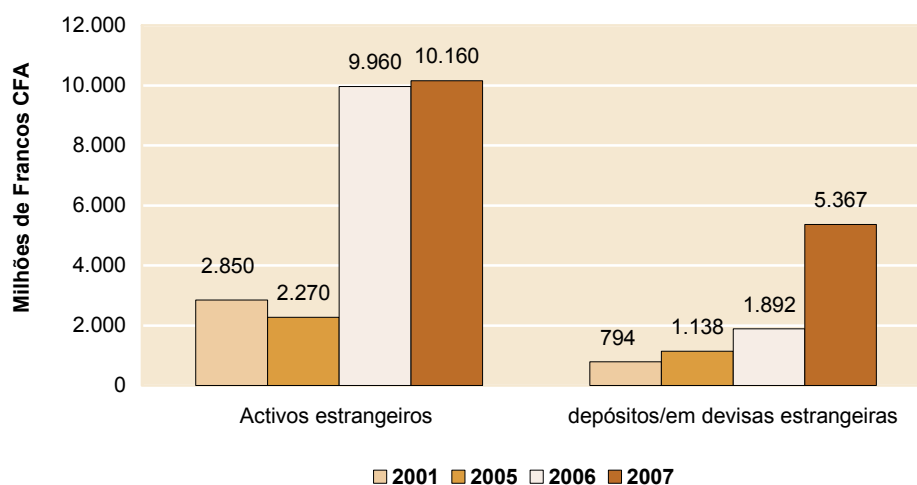
Gráfico 38: Guiné Bissau: Total de Reservas (menos o ouro), em milhões de EUA \$



Fonte FMI, Estatísticas sobre as Finanças internacionais, October 2008.

Também houve um aumento marcante nas reservas seguradas pelos bancos na Guiné Bissau desde 2003. Os activos estrangeiros subiram de CFA 2,077 milhões entre 2003 para CFA 9,756 milhões 2007, quase um aumento cinco vezes maior. Os activos estrangeiros, segurados pelos bancos de depósito na Guiné Bissau, aumentaram de CFA 2,270 milhões entre 2005 para 10,160 milhões em 2007, um aumento superior a quatro vezes. Tempo e moeda corrente estrangeira depositados aumentou de CFA 1,138 milhões em 2005 para CFA 5,367 milhões em 2007, quase um aumento de cinco vezes maior em dois anos.

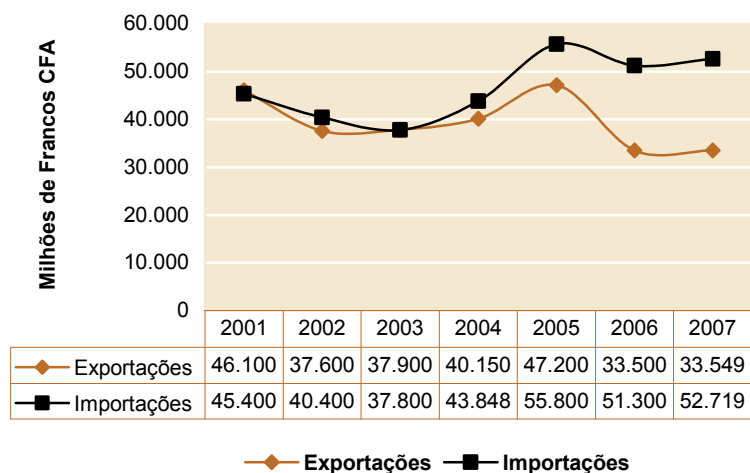
Gráfico 39: Activos estrangeiros e moeda corrente estrangeira em depósitos na Guiné Bissau (milhões de Francos CFA)



Fonte FMI, Estatísticas sobre as Finanças internacionais, October 2008.

Estes aumentos poderiam ser devido a actividade lícitas, mas, nesse caso, eles deveriam estar reflectidos por um aumento nas exportações durante o mesmo período. Pelo contrário, o valor de exportações legais diminuiu-se na Guiné Bissau de CFA 47,200 milhões em 2005 para 33,500 milhões em 2007. O país verificou um aumento no comércio em 2001 e mostrou uma conta comercial de mercadoria mais ou menos equilibrada até 2004, mas o rácio da importação deteriorou de 92% em 2004 para apenas 64% em 2007. As importações de bens e serviços eram equivalentes a 50.5% do PIB do país em 2007 e quase duas vezes das exportações do país em bens e serviços. Enquanto parte disto pode ser explicado através de ajuda estrangeira, estas tendências divergentes chamam a atenção para uma investigação adicional.

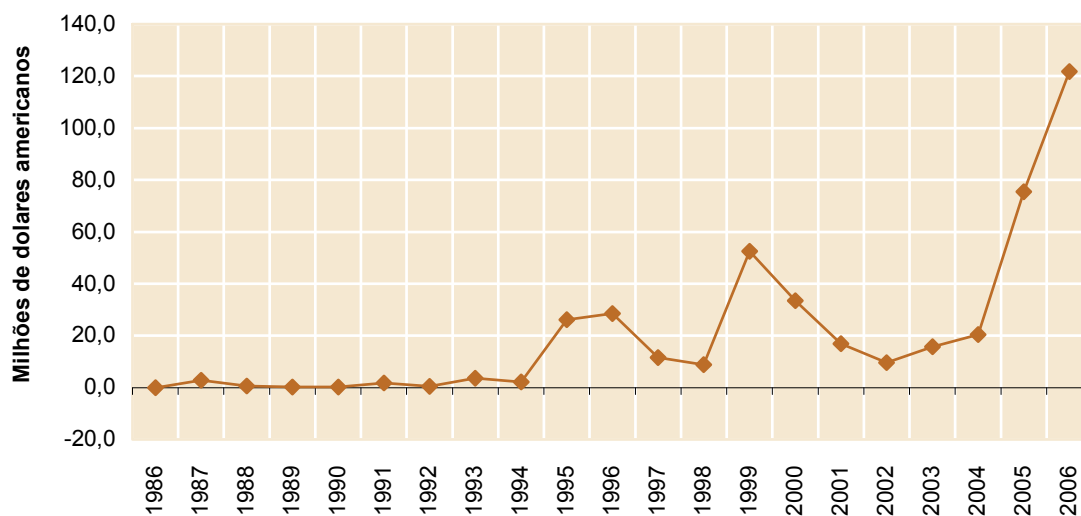
Gráfico 40: Guiné Bissau: Comércio exterior, 2001-2007 em milhões de Francos CFA



Fonte FMI, Estatísticas sobre as Finanças internacionais, October 2008.

Também há evidência que os traficantes estão a estabelecer uma presença nestes países que seria reflectido em um influxo de investimento na região. Usando uma vez mais, o exemplo da Guiné Bissau, os dados mostram que depois de anos de pequeno ou nenhum FDI, a Guiné-Bissau atraiu o de repente \$42 milhões EUA em 2006, igualmente a quase um sexto de PIB. O FDI pode aumentar de repente como resultado de um pequeno número de transações que podem, na realidade, ser investimento legítimo, mas o assunto merece investigação adicional.

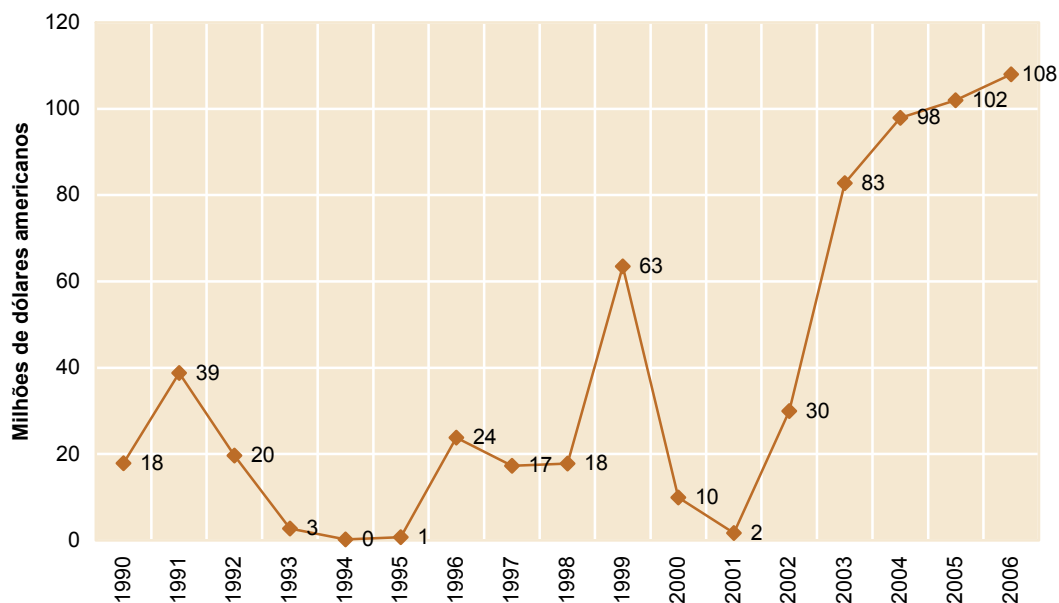
Gráfico 41: Investimento directo estrangeiro na Guiné-Bissau (milhões de dolares)



Fonte: UNCTAD

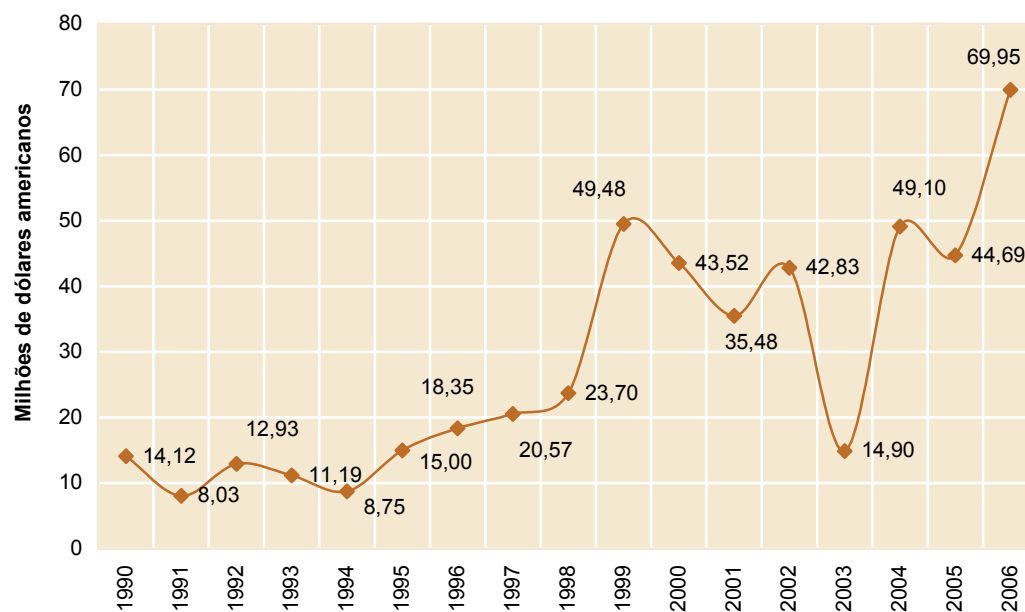
Também houve um aumento marcante de investimento directo estrangeiro (FDI) na Guiné e na Gâmbia nos últimos anos. Os influxos de FDI na Guiné aumentaram de US\$10 milhões em 2000 para US\$108 milhões em 2006. Influxos de FDI na Gâmbia cresceram de cerca de US\$40 milhões entre os primeiros anos do novo milênio para US\$70 milhões em 2006. Novamente, muito deste ganho pode ser legítimo, mas uma análise mais detalhada pode descobrir anomalias relacionadas ao comércio de droga.

Gráfico 42: Investimento directo estrangeiro na Guiné-Bissau (milhões de dolares)



Fonte: UNCTAD

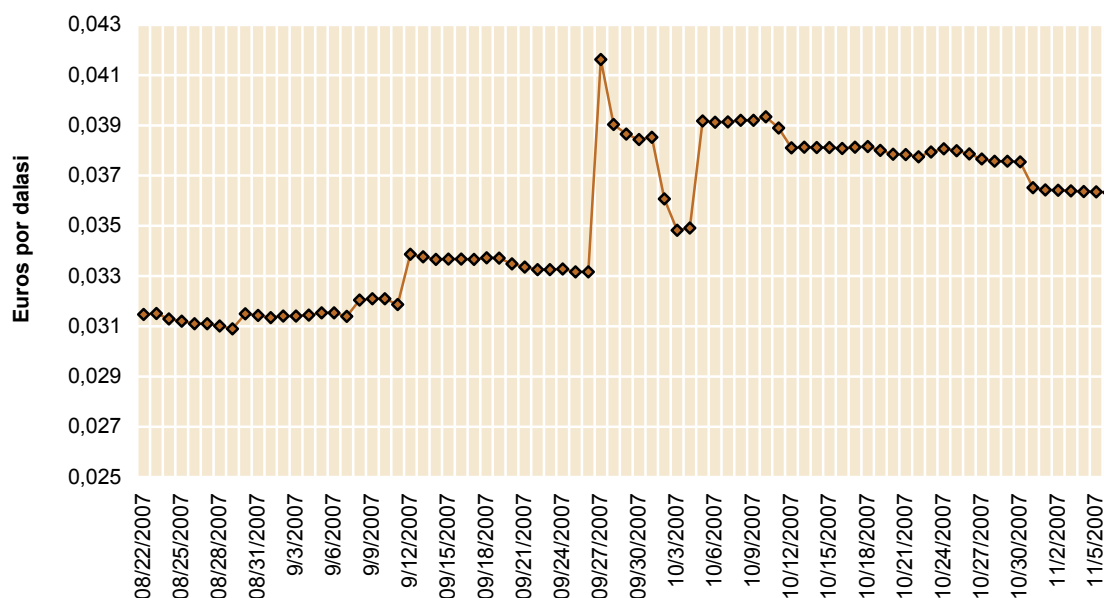
Gráfico 43: Investimento directo estrangeiro na Gâmbia (milhões de dolares)



Fonte: UNCTAD

Enquanto o investimento possa ser bem vindos, a procura dos traficantes de certos bens e serviços locais pode fixar os seus preço fora do alcance de compradores locais. O aumento da demanda, assim como o fluxo da moeda devido no pagamento das drogas recebidas na região pode aumentar o valor das moedas locais nos países fora da zona do franco CFA. Por exemplo, o dalasi gambiano conheceu uma inflação rápida nos finais de 2007, aparentemente sem explicações pelas condições económicas locais. Enquanto a situação parecer novamente se normalizar, este tipo de inflação, poderia, por um lado, reduzir a concorrência de outras exportações, e, por outro, descartar a produção e o comércio legais.

Gráfico 44: Valor do Dalasi Gambiano em Euros (Agosto – Novembro 2007)



Fonte: OANDA

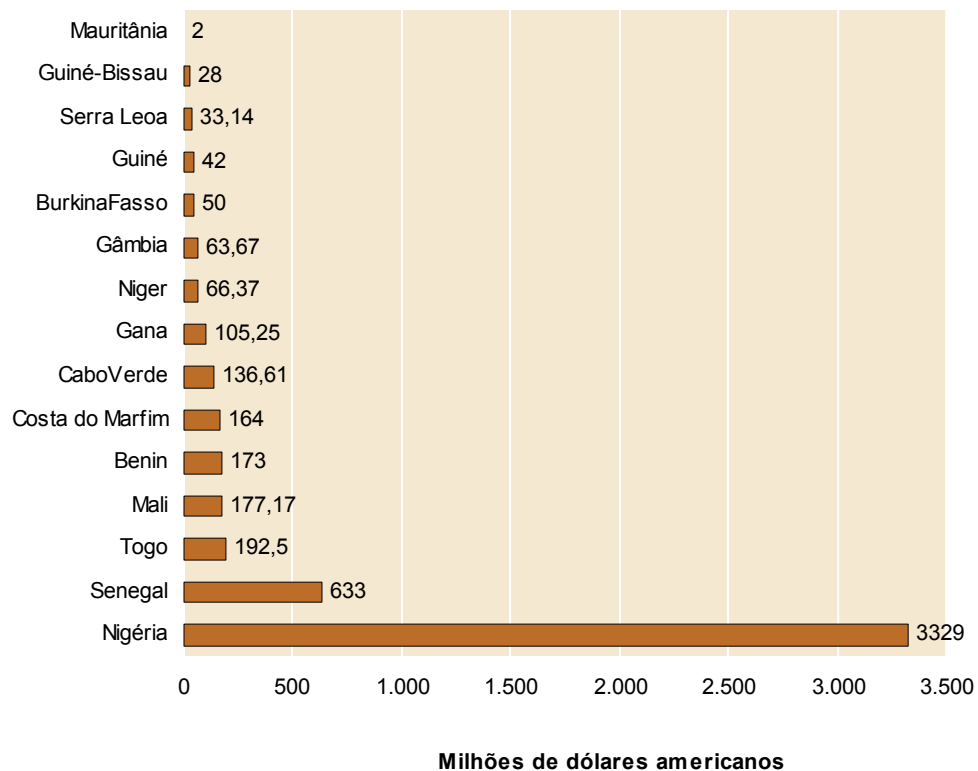
Assim como na Guiné Bissau, o equilíbrio de comércio de mercadoria de Gâmbia deteriorou de um déficit de EUA \$78.7 milhões em 2003 para um déficit de US\$126.7 milhões em 2007, de acordo com as estatísticas da balança de pagamentos do FMI. A relação de cobertura de importação caiu a 48.3% em 2007. O saldo da conta actual deteriorou de um déficit de US\$2.4 bilhões em 2003 para um déficit de US\$58.7 bilhões em 2007, equivalente a mais de 8% do PIB. Ao mesmo tempo, as reservas totais do país (menos o ouro) melhoraram de US\$59.3 milhões em 2003 para US\$142.8 milhões em 2007 e as reservas quase seguradas pelos depósitos de dinheiro nos bancos quase duplicaram entre 2003 e 2007. Uma vez que estas melhorias não podem ser explicadas pelo aumento das exportações, alguma fonte externa de fundos, como assistência estrangeira ou o comércio da droga, deve ser responsável.

Dinheiro sujo também precisa de lavagem, o que significa recrutar e corromper profissionais do sector financeiro. Depois de estabelecidos os canais para disfarçar o dinheiro da droga, eles podem ser usados para ocultar todos os tipos de procedimentos criminosos. Uma exposição sustentável pode prejudicar a reputação das instituições financeiras em toda a África Ocidental, minando o seu desenvolvimento.

O circuito mais simples para a lavagem de pequenos montantes em dinheiro parece ser através das redes de remessa bem instaladas, na medida em que os traficantes na Europa enviam os fundos para a região em pagamento da cocaína recebida. Relatórios indicam que as transferências em dinheiro da Europa aumentaram dramaticamente nos últimos anos em certos países da África Ocidental com sistemas de contabilidade mais desenvolvidos. De salientar que nos últimos anos as transferências de fundos duplicaram ou triplicaram na Costa do Marfim, no Gana, na Nigéria, e no Senegal. Este aumento repentino é difícil de explicar muito embora todos estes países tiveram

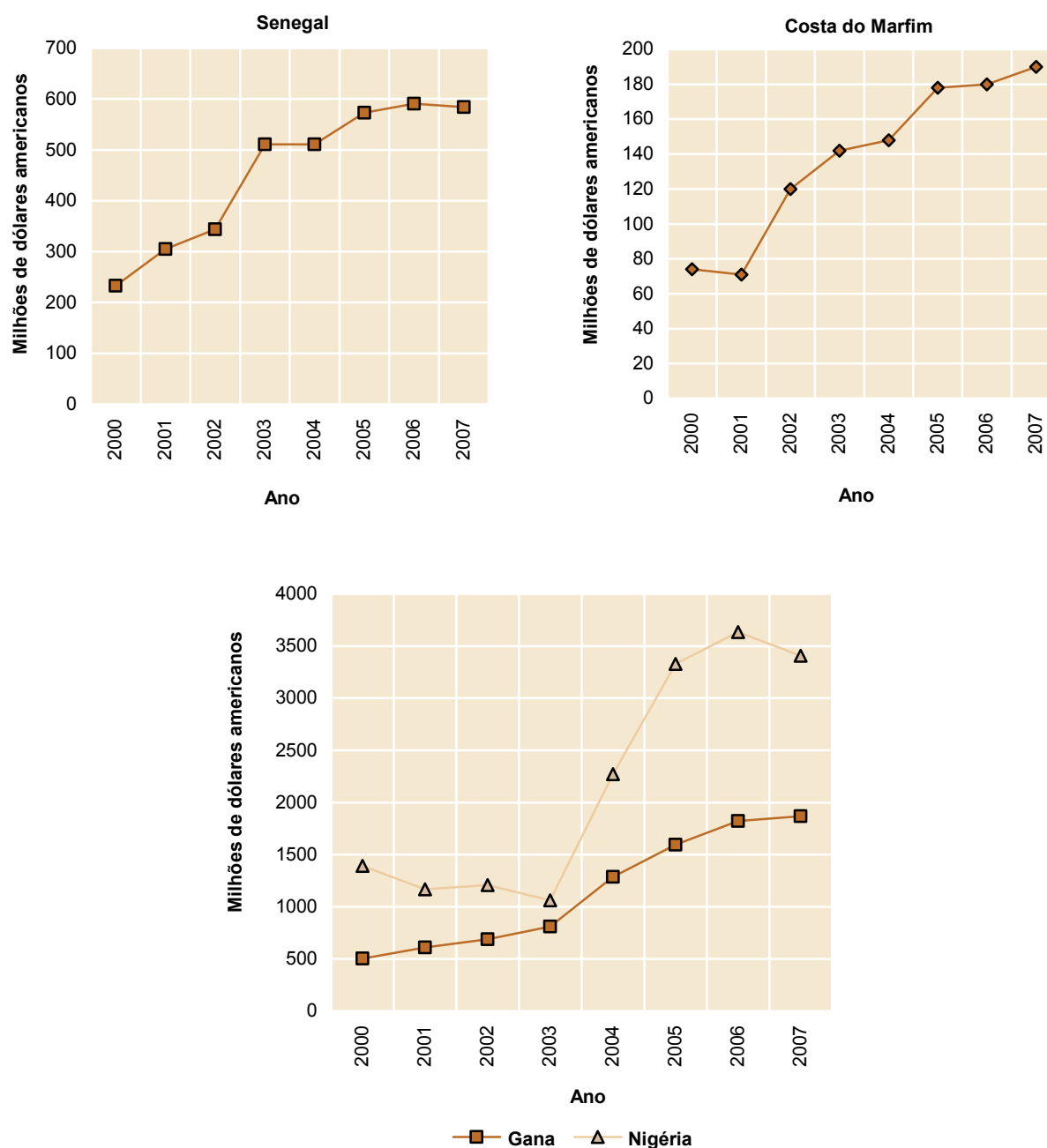
uma importante população expatriada. Ainda que a regulamentação destes fluxos fosse do interesse dos agentes da polícia e ordem pública, esta solução não poderia ser retida na medida em que milhares de agregados familiares na região dependem dos mesmos.

Gráfico 45: Total dos fundos recebidos por país e transferidos por trabalhadores em 2006, (em dólares americanos)



Fonte: Indicadores de Desenvolvimento Global

Gráfico 46: Situação actual e estimativas de transferências de fundos dos trabalhadores



Fonte: Economist Intelligence Unit, World Data and IMF/IBRD

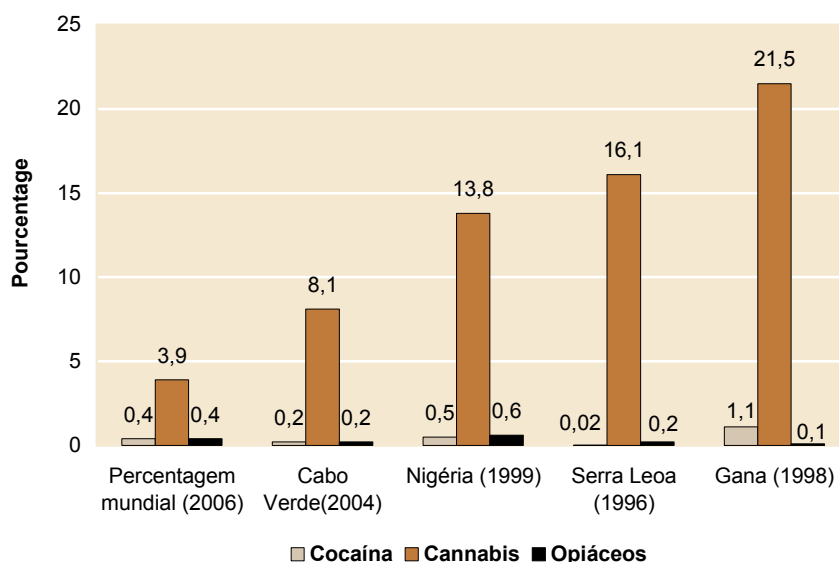
No final das contas, a dependência económica em dinheiro de droga pode reduzir a vontade política em combater o comércio. Realmente, o acesso aos postos aonde estes fundos são acessíveis poderia se tornar um assunto fundamental na política interna. As economias re-estruturadas para responder às exigências dos contrabandistas estão sujeitas a colapso quando as medidas de repressão a nível internacional forçarem os traficantes a re-dirigir uma vez mais os seus itinerários. Enquanto uma leitura superficial da situação poderia interpretar os influxos do tráfico de drogas como um ganho para a região, os perigos relacionados a estes fundos de longe excedem em valor em relação aos benefícios.

Consumo local da droga

Dada a diversidade de locais aonde a cocaína foi apreendida, a pequena quantidade de muitas encomendas assim como a variedade de itinerários e técnicas utilizados para chegar ao norte, parece que uma boa parte da cocaína seja amplamente disseminada em toda a região. Isto traz um risco evidente de toxicodependência generalizada. No passado, a pobreza da África Ocidental, em certa medida, parece ter-lhe isolada do consumo de drogas. Mas os traficantes, os seus cúmplices no seio das forças de segurança, e certos com acesso ao dinheiro, poderiam em breve sucumbir às tentações da cocaína. As zonas da região onde são explorados produtos destinados a exportação, tais como as regiões produtoras de diamantes na Serra Leoa ou as de campos de Petróleo do Delta do Níger, podem estar particularmente susceptíveis ao fenómeno.

Os dados sobre a amplitude do consumo de droga na África Ocidental são escassos e geralmente vêm de estudos realizados na década de 1990. No seu conjunto, as taxas de consumo de droga são como seria de se esperarem contrados numa área aonde poucos podem se dar ao luxo de gastar o seu dinheiro em drogas que alteram o humor. A excepção verifica-se claramente no cannabis produzido localmente, em particular no Gana, que teve uma das mais elevadas taxas de consumo de cannabis do mundo em 1998.

Gráfico 47: Prevalência anual do uso de droga por adulto (15-64) , vários anos



Fonte: Relatório Mundial de Droga 2008

Nota: taxa de consumo de opiáceos nigerianos calculada para a população com idade de 10 anos e a taxa de consumo de cannabis desde 2000.

É provável que a situação tenha mudado desde a década de 1990, mas, infelizmente, tem havido pouca investigação para indicar como e quanto mudou. Relatórios anedóticos sobre o uso de crack na Guiné-bissau e em outros locais são assustadores, mas não podem dar uma indicação clara da magnitude do problema. Existe uma necessidade urgente de uma avaliação geral da região sobre o estado do uso de drogas, bem como para um acompanhamento no futuro para determinar o ritmo e a direcção da mudança.

CONCLUSÃO

A discussão acima ilustra quão avançada é a ameaça da droga na África Ocidental. Enquanto alguns países são mais afectados do que outros, cada país da região tem um fluxo de cocaína, muitas vezes entrando de outro país Oeste-Africano. As redes na África Ocidental, envolvendo milhares de pessoas, estão ligadas a redes ainda mais sofisticadas de Oeste-africanos residentes na Europa. É possível que a África Ocidental seja abandonada como zona de trânsito, uma vez esgotada a sua novidade, mas parece mais provável que as redes do Oeste Africano venham a sofrer a transição que grupos mexicanos sofreram, antes deles, eventualmente lutando pelo controle do mercado aos sul-americanos que uma vez serviram. É também claro que a ameaça à segurança em uma região como a África Ocidental, onde o controle sobre o Estado de Direito continua tênue, é ainda maior do que na América Latina.

O eloquente facto é que poucas actividades económicas na África Ocidental, além da extração de petróleo, têm o peso económico do tráfico de cocaína. Tendo em conta o reduzido risco de sanções, a participação no tráfico de cocaína parece ser uma escolha racional para muitos, especialmente as forças desmobilizadas e os exércitos guerrilheiros dos muitos conflitos que têm acontecido na região. Para os mais instruídos, o branqueamento de capitais pode parecer uma alternativa de lucro alto e baixo risco para o trabalho pesado e incerto de promoção do desenvolvimento económico local.

Para enfrentar esta ameaça, a África Ocidental está dependente da cooperação internacional para fortalecer os seus serviços de aplicação da lei. Ainda há muito a ser feito com muito poucos recursos, pelo que a região necessita de estabelecer estratégias cuidadosamente para máximo impacto. Melhores práticas em matéria de legislação, interdição, anti-corrupção, e de reabilitação devem ser empregadas. A cooperação regional será fundamental, uma vez que nenhuma nação na região tem as informações ou recursos para resolver o problema sozinho. A importância da partilha de informação não pode ser subestimada – traficantes contam com os laços nacionais para proteger o seu contrabando transnacional e as suas actividades de branqueamento de capitais. Dados básicos sobre a produção, o tráfico e o uso de droga são escassos para a África Ocidental. A capacidade de gerar e monitorar indicadores sobre a situação do problema dos narcóticos é vital e a comunidade internacional deve continuar a acompanhar a situação em estreita colaboração com os governos Africanos.

O povo da África ocidental tem-se revelado de resistência notável em face de grandes adversidades e podem revelá-la novamente. Este desafio adicional não é saudado por ninguém, mas a questão não pode ser ignorada. Isolar o narcotráfico não vai resolver todos os problemas da África Ocidental, mas não conseguir resolver o tráfico de drogas, vai certamente os tornar mais complexos. E fortalecer o Estado de Direito, mediante o reforço da aplicação da lei pode ter efeitos muito além da intenção da intervenção. Trazer lei e ordem a esta região têm um longo caminho em direção a garantia do investimento e o desenvolvimento saudável das sociedades.

ANEXO: PARTES DAS CONVENÇÕES DA ONU PARA DROGAS E CRIME

(2 de Novembro de 2007)

País	Convenção Única sobre Drogas Narcóticas, 1961 ^a	Convenção sobre substâncias Psicotrópicas, 1971	Convenção contra o tráfico ilícito de Drogas Narcóticas e Substâncias Psicotrópicas, 1988	Convenção contra Corrupção	Convenção contra Crime Organizado Transnacional
Benin	*	*	*	*	*
Burkina Faso	*	*	*	*	*
Cabo Verde	*	*	*		*
Costa do Marfim	*	*	*		
Gambia	*	*	*		*
Gana	*	*	*	*	
Guiné	*	*	*		*
Guiné-Bissau	*	*	*	*	*
Libéria	*		*	*	*
Mali	*	*	*		*
Mauritânia	*	*	*	*	*
Niger	*	*	*		*
Nigéria	*	*	*	*	*
Senegal	*	*	*	*	*
Serra Leoa	*	*	*	*	
Togo	*	*	*	*	*

^a Os Estados Partes na Convenção Única sobre Estupefacientes de 1961 ou como alterada pelo Protocolo de 1972.